

ALAVOURA

REVISTA DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

1º CENTENÁRIO DO CAFEEIRO NO BRASIL

727

1927



COFFEA BRASILIAE FULCRUM

Flor. em plena produção, no Brasil, dois bilhões, onze milhões, cento e trinta e seis mil e duzentos e setenta e um pés de caféeiros, cuja safra se aproxima de vinte milhões de saccos

GRANDE EXPOSIÇÃO E CONGRESSO DO CAFÉ

NUM. 10

1927
OUTUBRO

ANNO XXXI

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897 — RECONHECIDA, POR LEI, DE UTILIDADE PUBLICA

Consagrada ao resurgimento da
Agricultura nacional

Biblioteca Economica

15.000 volumes de obras valiosas, sobre Agronomia, Veterinaria, Economia, Finanças, Industrias Agricolas, etc.

Museu Agricola

Milhares de productos agricolas. Collecções completas de madeiras do paiz, fibras, cereaes, oleos, resinas, plantas medicinaes, etc.

Horto Fructicola da Penha

Estação Experimental, mantida pela Sociedade. Produccão de mudas e sementes.

Aprendizado Agricola Wenceslau Bello

Consagrado á formação de capatazes agricolas.

Serviço de fornecimentos

Modelar organização para o fornecimento de plantas, sementes, insecticidas e material agrario, cirurgico e veterinario.

Serviço de informações

Secção technica, dirigida pelo habil profissional Eng. Agronomo Thomaz Coelho Filho, lente de Agricultura Geral da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinaria, para a solução de consultas dirigidas á Sociedade.

"A Lavoura"

Revista mensal da Sociedade N. de Agricultura distribuida gratuitamente aos socios quites.

ADMISSÃO DE SOCIO

Joia.	50\$000
Anuidade.	40\$000

Rua 1.º Março, 15 - Rio de Janeiro - Brasil - C. Postal 1245
End. Tele. Agricultura

DIAS GARCIA & C.^{1a}

GRANDES IMPORTADORES DE

Ferro, Aço, Ferragens, Oleos, Tintas, Vernizes, Arame farpado e liso, Chapas galvanizadas. lisas e corrugadas, Folhas de Flandres, Soda caustica, Barrilha, Productos chimicos industriaes, Material para estradas de ferro, Canaליsações de agua e gaz e artigos em geral para lavoura.

Agentes do dynamite nacional "Stygia" e "Nobel" allemão.

Depositarios: de cimento "Urca", sarnol "Triple", enxadas "Radiante" e "Sul Mineira", da correia balata "Dia" e do legitimo coalho "Estrella".

Rua Visconde de Inhaúma, 23 e 25

Deposito e Secção de Ferro

CAES DO PORTO

AV. VENEZUELA, 166, 172 E

RUA DR. PEREIRA REIS, 26, 40

Teleph. 5230 e 2592 N.

End. Electr. «GARCIA-RIO»

Escritorio e Armazem

Telephone 4050 Norte

Caixa Postal 246



Rio de Janeiro

SNRS. FAZENDEIROS

Toda terra por melhor que seja produzirá mais
depois de adubada com o

Adubo Continental

producto muito conhecido e applicado, preparado com sangue pulverisado, residuos comprimidos, ossos cosidos e pulverisados, elementos estes fertilisantes de grande valor.

ANALYSE :

Acido phosphorico (P2 O5).....	19,63 o/o
Potassa (K2 O).....	—
Cal.....	24,04 o/o
Azoto.....	6,51 o/o

PARA INFORMAÇÕES OU PEDIDOS DIRIJAM-SE HOJE MESMO A'

CONTINENTAL PRODUCTS COMPANY

Alameda Cleveland n. 30

SÃO PAULO

Filiaes : Santos - Rua General Camara, 181
Rio de Janeiro - Rua 1º de Março, 29
Ibeirão Preto - Rua Saldanha Marinho, 137

Campinas - Rua Costa Aguiar, 17
Sorocaba - Rua Barão do Rio Branco, 18
S. Carlos - D. Pedro, II, 73

Pereira Carneiro & C. Limitada

(Companhia Commercio e Navegação)

Endereço Teleg.: UNIDOS

Caixa postal n. 482

SAL DE MACAU

Proprietaria das mais vastas e productoras salinas do Brasil—Deposito no Rio e S. Paulo

DIQUE LAHMEYER

Situada na Bahia do Rio de Janeiro. E' o maior dique da America do Sul, possuindo officinas apropriadas a todos e quaesquer concertos e reparos de vapores

Trapiche

Proprietaria dos vastos armazens para deposito de mercadorias, café, algodão, cereaes, etc.

«»»

RUA

Rodrigues Alves

Ns. 161, 167 e 173



Frota actual :

16 vapores

para transporte de cargas entre Pará e Rio Grande do Sul.

Os mais rapidos e economicos serviços de transportes de cargas.

«»»

Armazem N. 12

Para informações, dirijam-se á

Avenida Rio Branco, 110-112

Rio de Janeiro

VAN ERVEN & C.^A

MACHINAS E MATERIAES PARA INDUSTRIAS, OFFICINAS E LAVOURA

Stock Permanente de :

Caldeiras — Motores a vapôr, electricos e a gazolina—Bombas para todos os fins, manuaes e com polia—Engenhos de serrar—Correias de sola, pello camello e borraça.

Desnatadeira MELOTTE — Oleos e graxas.

Eixos de aço, mancaes, polias, etc. — Papelão e gaxetas para juntas de vapôr e agua — Rebolos esmeril — Tarrachas.

Moinhos de vento "Challenge" com mancaes de rollamentos.

Arados de aiveca e de discos, fixos e reversiveis-Capinadeiras-Semeadeiras-Grades de discos, etc.

Agentes no Sul do Brasil

de **George Fletcher & Co.** fabricantes inglezes de machinas modernas para fabricação de assuca
Representantes

das **Uzines de Braine-Le-Comte** da Belgica, fundadas em 1853

(Material ferro viario, deposito para alcool, melado, agua, pontes metalicas e rollantes, etc.)

Fornecemos orçamentos mediante consulta, mesmo sem compromisso de compra

ARSENICO BRANCO

Garantido 99 o/o

MARCA

FORMIGA

Grande Premio na Exposição do Centenario do Brazil de 1922

PHONES : (Escriptorio—N. 2948
 : (Armazem—N. 6384

RUA THEOPHILO OTTONI, 131 - Telegr ERVEN - Rio de Janeiro

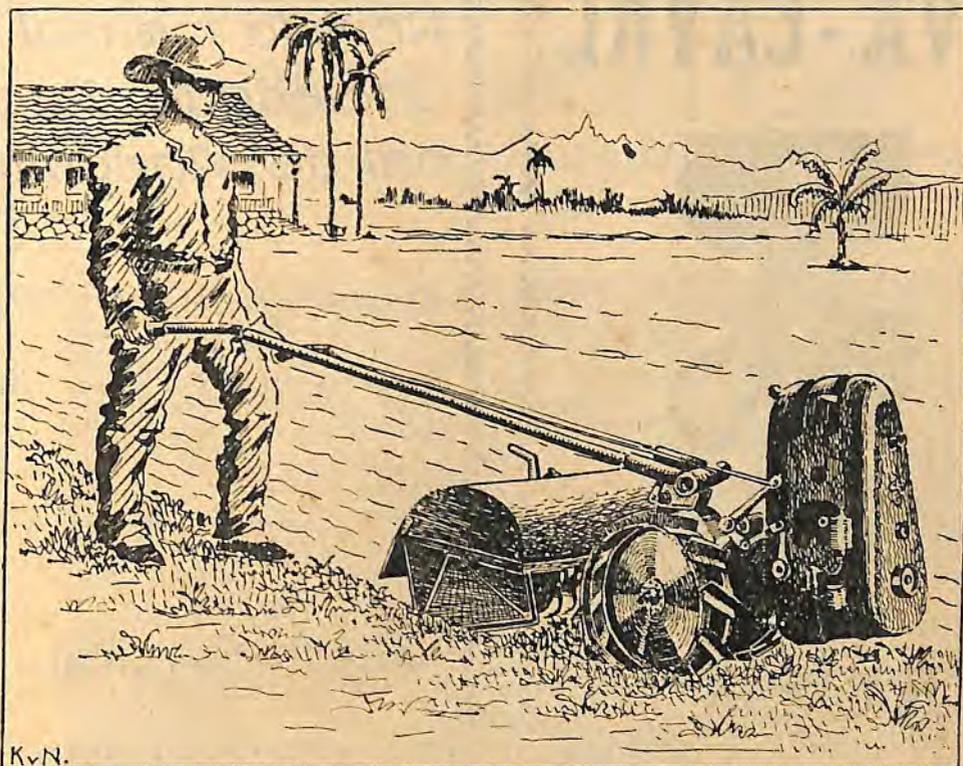
BANCO DO BRASIL E SUAS AGENCIAS

Balancete em 31 de Outubro de 1927

DEBITO		CREDITO	
Thesouro Nacional e/de antecipação da Re- ceita	167.510:024\$341	Capital	100.000:000\$000
Letras descontadas	814.656:942\$980	Fundo de reserva	136.331:234\$476
Empréstimos em conta cor- rente	222.598:660\$335	Fundo de resgate do pa- pel-moeda	346.369:733\$008
	36.877:710\$072	Menos:	
	1.241.643:337\$728	Importancia entregue á Caixa de Amortização para ser inchenerada	271.828:980\$000
Efeitos a receber de conta alheia:		Emissão em circulação	592.000:000\$000
Do exterior	13.697:424\$220	Depósitos:	
Do interior	296.860:643\$101	Em contas correntes com juros	541.621:871\$891
Valores em liquidação	1.792:171\$037	Em contas correntes limi- tadas	122.786:105\$935
Valores caucionados	611.465:557\$865	Em contas correntes sem juros	319.192:879\$024
Valores depositados	458.644:738\$916	Em contas a prazo fixo	204.758:605\$708
Agencias e filias no interior	400.031:965\$277	Em contas de compensa- ção de cheques	8.682:150\$893
Correspondentes no exterior	297.275:830\$835		
Correspondentes no interior	8.502:271\$293	Títulos em caução e em depósito	1.070.110:296\$781
Títulos e fundos pertencentes ao Banco	46.985:275\$557	Agencias e filias no interior	238.814:235\$921
Liquidação do Banco da Republica do Brasil	30:347\$795	Correspondentes no exterior	48.565:347\$087
Imoveis	26.594:924\$093	Correspondentes no interior	6.728:098\$118
Movels e utensilios	72\$000	Depositantes de efeitos para cobrança	130.858:719\$780
Diversas contas	420.300:652\$459	Bonus e dividendos	1.286:501\$370
Ouro em deposito	43.524:297\$126	Diversas contas	76.047:732\$586
Na Caixa de Amortização	7.500.000-6-8 a 8d. 225.000:020\$000		
Títulos ouro depositados			
No exterior	£ 2.595.030-0-0		
Nominaes pela ultima co- tação	£ 1.624.530-0-0 a 8d. 48.735:900\$000		
Caixa, em moeda corrente	131.239:005\$276		
	4.272.624:434\$578		

Frezas Siemens

PARA
LAVRAR A TERRA



O UNICO APPARELHO PARA
AFOFAR
VENTILAR
MISTURAR
GRANULAR

finamente a terra em uma só operação com um só homem, deixando-a pronta para receber sementes.

Tipos de 5 a 35 Cavallos
Produção diaria cerca de 1 resp 5 hectares
PREÇOS E INFORMAÇÕES NA

Companhia Brasileira de Electricidade

Siemens - Schuckert S. A.

Rio de Janeiro	São Paulo	Bello Horizonte	Porto Alegre	Bahia	Pernambuco
Caixa 630	Caixa 1375	Caixa 162	Caixa 413	Caixa 402	Caixa 154

Adubos de Fama Mundial

São os Sães Potassicos :

Chlorureto de potassa, Sulfato de potassa

Kainite

Publicações e informações sobre todos os assumptos concernentes á lavoura, e, especialmente, á adubação, assim como os endereços de casas, que vendem adubos de conformidade com a respectiva lei, fornece o

== **Centro das Experiencias Agricolas** ==

Caixa Postal, 637 - RIO DE JANEIRO

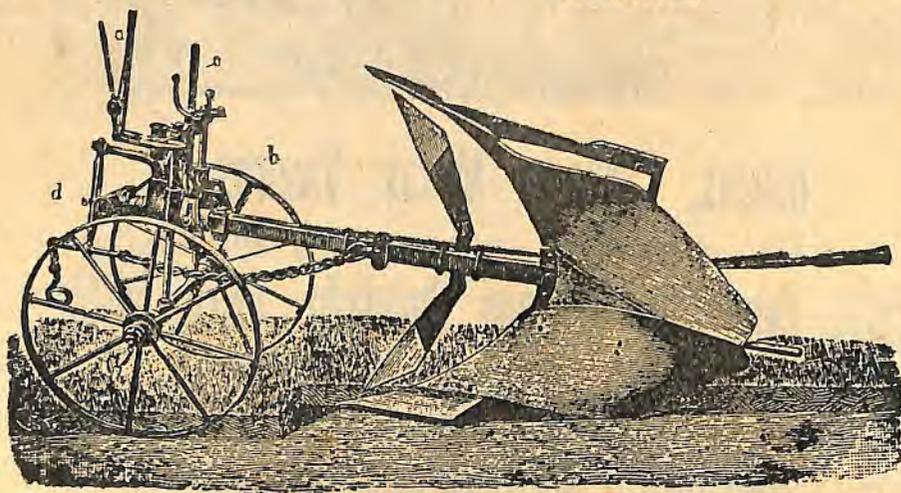
Representantes commerciaes para todo o Brasil :

Fernando Hackradt & Cia.

**CAIXA POSTAL, 948
- SÃO PAULO -**

Sociedade COMMERCIAL E INDUSTRIAL NO Suissa

BRASIL



Semeadores, Sulcadores, Ciscadores. Carpideiras, Moinhos, etc.

Construcção Solida - Esmerado Acabamento - Rio de Janeiro

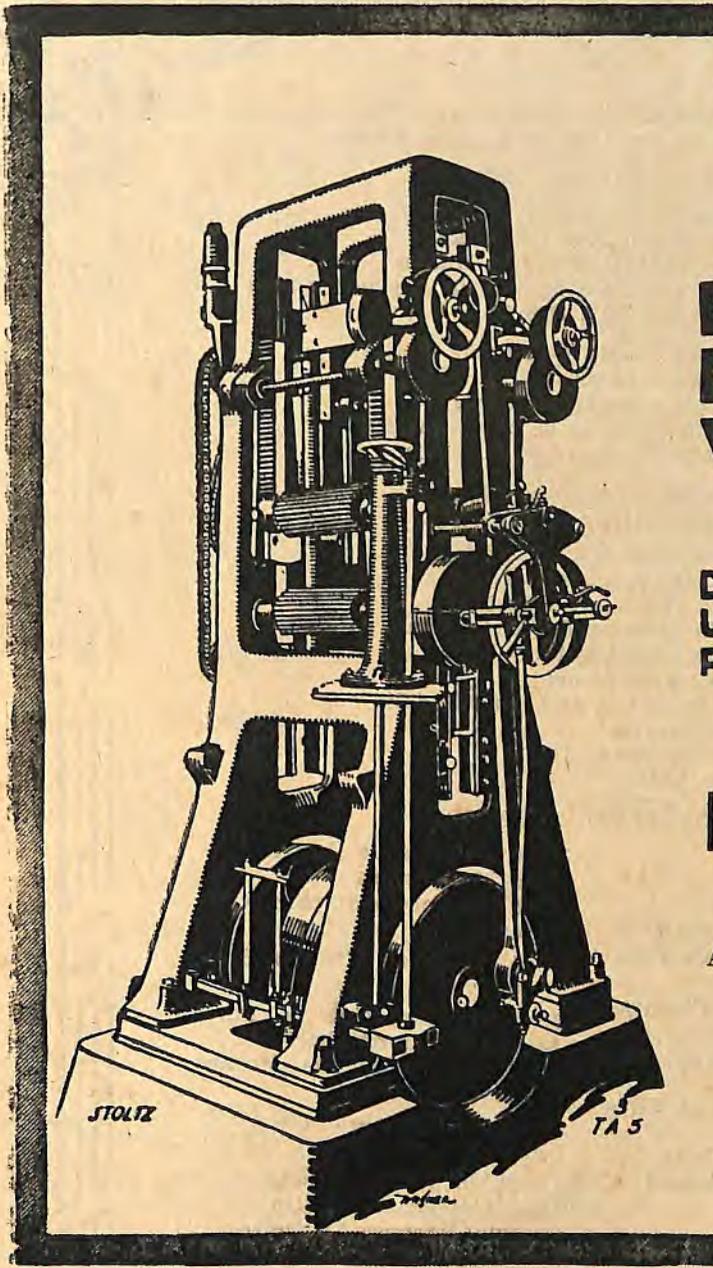
ARADOS SUISSOS

RUA S. PEDRO N. 14

CAIXA POSTAL N. 1775



STOLTZ



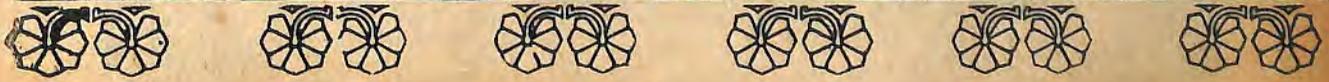
ENGENHOS DE SERRA VERTICAES

DIVERSOS TAMANHOS
ULTIMOS MODELOS
PROMPTA ENTREGA

HERM. STOLTZ & Co.

Rio de Janeiro
AV. RIO BRANCO, 66/74
CAIXA POSTAL, 200

2º andar



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

RECONHECIDA DE UTILIDADE PUBLICA POR LEI

Presidente perpetuo — Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida
Presidente honorario — Dr. Geminiano Lyra Castro

DIRECTORIA GERAL

Presidente — Ildefonso Simões Lopes
1.º Vice-Presidente — Bento José de Miranda
2.º Vice-Presidente — Augusto Ferreira Ramos
3.º Vice-Presidente — Antonio Augusto de Azevedo Sodré
1.º Secretario — Joaquim Luiz Osorio
2.º Secretario — Antonio Carlos de Arruda Beltrão
3.º Secretario — Othon Leonardos
4.º Secretario — Francisco de Assis Iglezias
1.º Thesoureiro — Julio Eduardo da Silva Araujo
2.º Thesoureiro — Carlos Raulino

Secretario Geral — Heitor da Nobrega Beltrão
DIRECTORIA TECHNICA

Alcides Franco
Aleixo de Vasconcellos
Alvaro Osorio de Almeida
Angelo Moreira da Costa Lima
Arthur Torres Filho
Franklyn de Almeida
João Fulgencio de Lima Mindello
Mario Saraiva
Paulo Parreiras Horta
Victor Leivas

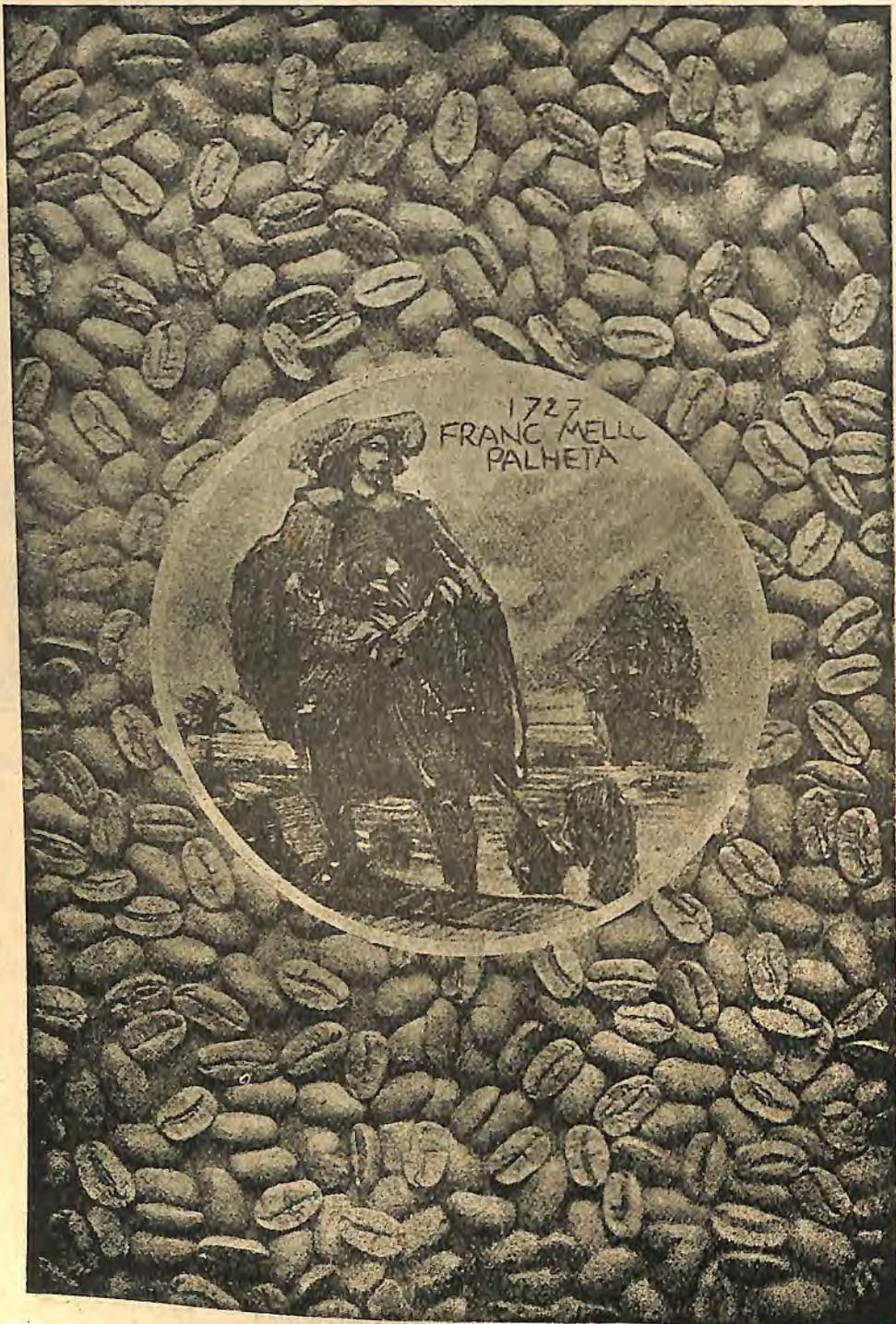
CONSELHO SUPERIOR

Afonso Vizeu	João Baptista de Castro
Alberto Maranhão	João Mangabeira
Alfredo de Andrade	José Mattoso Sampaio Corréa
Amancio Marcillac Motta	José Monteiro Ribeiro Junqueira
André Gustavo Paulo de Frontin	Juvenal Lamartine de Faria
Antonio de Arruda Camara	Julio Cesar Lutterbach
Antonio Pacheco Leão	Joaquim Bertino de Moraes Carvalho
Antonio Francisco Margarinos Torres	Joaquim Sampaio Ferraz
Benedicto Raymundo da Silva	Lauro Sodré
Carlos Duarte	Leopoldo Teixeira Leite
Ernesto da Fonseca Costa	Luiz Corrêa de Britto
Eugenio dos Santos Rangel	Octavio Barbosa Carneiro
Eurico Dias Martins	Paschoal Villaboim
Filogonio Peixoto	Paulo de Moraes Barros
Fidelis Reis	Raul Pires Xavier
Francisco Dias Martins	Rogaciano Pires Teixeira
Francisco Leite Alves Costa	Sylvio Ferreira Rangel
Geraldo Rocha	William Wilson Coelho de Souza
Gustavo Lebon Regis	
Hannibal Porto	
Henrique Silva	



OCTUBRO DE 1927
Anno XXXI N. 10

O café na civilização do Brasil,	658
O esgotamento das terras cafeeiras e los meios de corrigil-o, — Conferencia do Deputado Ildelfonso Simões Lopes	661
O segundo centenario da introdução do cafeeiro no Brasil	670
<p>— Um pouco de historia do cafeeiro — O programma das comemorações — A solemnidade da inauguração da Exposição e do Congresso do Café — Aspecto das immediações do Palacio das Industrias — O acto inaugural — Pessoas Presentes — Delegações — Discursos do presidente do Estado, do secretario da Agricultura e do vice-presidente da Commissão organizadora da Exposição — A Grande Exposição em seu interior — As secções dos Estados cafeeiros, na Grande Exposição — Lista geral dos expositores — “Hymno ao Café” — O Congresso do Café e seus fins — Regimento interno, commissões do Congresso — A delegação da Sociedade Nacional de Agricultura — As commissões da commemoração do 2º Centenario da Introducção do Cafêeiro no Brasil — Eleição da mesa e das commissões do Congresso — Theses apresentadas ao Congresso</p>	
Notas sobre o café brasileiro	702



Sargento mór Francisco de Mello Palheta introductor do cafeeiro no Brasil



ANNO XXXII—N. X * * * Outubro de 1927

Presidente da Sociedade Red.-Chefe da Revista Redactor Secretario Redactor Technico

DR. I. SIMÕES LOPES

DR. BENJAMIN LIMA

PETRA DE BARROS Eng. Agr. Thomaz Coelbo Filho

O café na civilização do Brasil

Ao Sr. Julio Prestes, presidente do Estado de S. Paulo, coube a invejável honra de proferir o conceito mais opportuno, mais justo, mais alto, sobre a situação do café no conjuncto da vida economica e social do Brasil.

Foi por occasião da abertura do certamen grandioso que se organizára para melhor, mais expressiva commemoração da notabilissima ephemeride — o segundo centenario da introduccão do caféeiro em nosso paiz.

O illustre estadista, a quem pertencem actualmente, naquella unidade federativa, as supremas responsabilidades do poder, avançou uma proposição cujo atrevimento ninguem antes affrontára. O café — proclamou elle — fez a civilização nacional.

A phrase é de um sociologo que encontra para exteriorisação de seus pensamentos os recursos de um rigoroso artista da palavra. E nada se lhe poderia oppôr si não houvesse o perigo de alguém lhe sacrificar o elevadissimo alcance, submettendo-o a uma interpretação demasiado litteral, excessivamente positiva ou, melhor, directa.

Café, na expressão do eminente ho-

mem de Estado, é como que um symbolo da producção do Brasil, uma allegoria das nossas terras, de uma fecundidade sem par, e que, si lavradas com intelligencia e pertinacia, facilmente se desentranham em copiosas riquezas, premiando com régia prodigalidade quantos para esse maravilhoso effeito hajam contribuido.

Seja, por uma vez, expulsa a ironia, com o seu diabolico sortilegio de fazer sorrir e desdenhar, dos logares onde convém que se enthonisem definitivamente a fé, o entusiasmo, a exaltação, outras tantas modalidades do unico patriotismo digno desse aureo nome — o que realiza, o que constróe. A locução corrente — “O Brasil é um paiz essencialmente agricola” —, não constitúe, apenas, expressão lapidar de um axioma: vale ainda, attento o esplendor da civilização que vamos promovendo, como louvor synthetico, mas nem por isso aenos feliz, da funcção que as industrias do campo se reservam no “processus” do engrandecimento dos povos.

Longe de nós pretender que não tenham concorrido, não estejam a concorrer para o progresso do Brasil, as indus-

trias extractivas e as industrias manufatureiras. Era natural, era mesmo imprescindível que as primeiras se desenvolvessem entre nós, visto como possuíamos formidáveis depositos de materias primas, como era curial que, com o evoluer dos tempos, tratássemos de organizar as segundas, dominados pelo razoavel, lucido empenho de, beneficiando aqui mesmo o resultado da exploração de taes jazidas, evitar a drenagem para o exterior do ouro que desse beneficiamento póde abundantemente fluir.

Mas, entre as duas fórmulas extremas do trabalho humano — a mais facil, rudimentar, instintiva, e a mais complexa, evoluída, racionada — fica, indiscutivelmente detentora de excelsa primazia e de legitimos privilegios, aquella que prova, por todos os meios, ser a mais consentanea com o ideal de tranquilidade e equilibrio, em torno ao qual gravitam todas as nações.

Podem as extracções, podem as manufacturas enriquecer mais rapidamente quem nellas se emprega. Ha, porém, muito de aventura nos negocios que se apparellham tendo-as por base. Ao contrario, na actividade rural, nas diversas industrias agricolas, a margem do imprevisto, do accidental, do fortuito, reduz-se ao minimo, quasi desaparece nos cotejos a que força o senso da relatividade. E para que ella desabroche em revelações magnificas de serena, estavel prosperidade, basta, na maioria dos casos, que o homem não deixe de cultivar a mais singella, a mais humilde das virtudes — a virtude da paciencia.

Foi, certamente, com a visão de seu nobre espirito voltada para taes idéas, que o Sr. Julio Prestes pronunciou aquella phrase impercível.

O café constitúe, em verdade, para S. Paulo — a mais rica, a mais adiantada, a mais progressista de todas as unidades da Federação — a fonte principal, senão, em rigor, exclusiva, dos milagres que lá foram operados pelo trabalho do homem. E para as demais, onde outros factores notaveis de expansão economica surgiram, possúe elle ainda, em virtude da possibilidade de seu cultivo em todos os recantos do Brasil, o refulgente aspecto de um symbolo: symbolo da generosidade com que as nossas terras retribuem, de maneira commovedoramente paradoxal — o eterno paradoxo do sentimento nas mães heroicamente amorosas... —, ao gesto brutal e terno, ao mesmo tempo, ao gesto augustamente sensual, de quantos lhe firam o ventre sacrosanto, de uma fecundidade infinita, superior a todas as previsões, esperanças e audacias.

Ampliemos, em louvôr á gleba do Brasil, o lindo enunciado. A columna mestra do edificio que estamos construindo, é, tem de sêr, perennemente será a agricultura — tomado, é claro, este vocabulo em seu mais largo sentido, naquelle em que elle abrange a lavoura e a criação, juntamente com todas as industrias correlatas, indispensaveis ao integral aproveitamento e completa valorisação dos productos do sólo.

S. Paulo, principalmente, e, em parte, Minas Geraes, o Estado do Rio e Espirito Santo são, si nos permitem parodiar Heredoto, dadas do café, como o Rio Grande do Sul o é de seus rebanhos, a Bahia de seu cacáo, Pernambuco de sua canna, os demais Estados do Nordêste do algodão que nelles se cultiva. Mesmo nas regiões onde predominam as industrias extractivas, a Amazonia, por exemplo, a vida economica permaneceu exposta a desequilibrios alarmantes, a terriveis disturbios, emquanto a respectiva população

não se convenceu de que sem lavar ou criar, muito embora em proporções modestas, só alcançaria vantagens illusorias naquellas industrias, devido ao elevadissimo custo inicial dos productos extrahidos — reflexo espontaneo da carestia da vida, causada pela importação de todos os elementos de subsistencia.

Sómente lamentavel snobismo nos levaria a menosprezar os habitos agricolas. E' a elles que S. Paulo deve tudo quanto

vale, inclusive os progressos ultimamente registrados em suas manufacturas. O presidente Julio Prestes tem razão — a rubiacea famosissima é o germen da civilização paulista e, porque S. Paulo é o Estado "leader" do Brasil, o factor maximo da civilização nacional. Sirva isto de exemplo e estimulo a todo o resto da nacionalidade, que deve procurar aprender com os fazendeiros d'aquella parte do paiz os modernos processos de organização applicaveis á exploração da terra.



Vista geral da fazenda de café Santa Rita, vendo-se, á direita, a casa de residencia do proprietario; ao centro e á esquerda, as avenidas de casas para colonos, e, no fundo, as linhas de cafeeiros estendendo-se pelos morros além. — S. Paulo

A Argentina não intensifica essa lavoura porque a aparelhagem mechanica substitue as outras deficiencias. Ninguem ignora que temos homens dos mais eminentes, verdadeiros mestres da cultura do café. — Todos conhecem o Sr. Dr. Augusto Ramos, cujo nome declino com prazer, porque é o de um benemerito, que vem, ha longos annos, cooperando com a sua intelligencia e o seu esforço em prol dos nossos maiores problemas; que tem desempenhado importantes commissões e a quem coube a incumbencia de, em 1922, escrever um livro para o Centenario que é um repositório das observações mais preciosas em relação á cultura e ao commercio dessa rubiaceae. O Dr. Francisco Ramos, seu digno irmão, tambem presente, muito concorreu para que technicos estrangeiros viessem prestar serviços scientificos a essa lavoura.

Declínio da produção por hectare, tornam as terras abaixo do typo regular (classificação Dafert).

Diz o Sr. Dr. Augusto Ramos que, actualmente, a produção média de café por hectares é de 700 kilos.

O Sr. Augusto Ramos — Foi o que eu deduzi das nossas estatisticas.

O Sr. Simões Lopes — O Sr. Dafert, illustre chimico agricola contractado e um dos estrangeiros que melhores serviços nos prestaram, confeccionou a seguinte tabella de classificação das nossas terras:

Qualidade das terras	Produção por hectare	kilos
Terras cansadas		333
Terras regulares		800
Terras virgens		1.350
Terras adubadas	1.600 a	2.000

A conclusão é que as terras de São Paulo estão hoje, em média, abaixo de regulares.

O Sr. Augusto Ramos — E' perfeitamente exacto.

O Sr. Simões Lopes — Entrando com as terras de outros Estados, onde ainda é menor a produção, essa differença avultará, cahindo a média de produção dos cafésaes do paiz a cerca de 500 kilos por hectare, pois para 2.300.000 hectares cultivados actualmente, espera-se uma colheita de 20.000.000 de saccas.

Nessas condições, só o Estado de São Paulo perde annualmente nunca menos de

10.000.000 de saccas, em relação ás produções de 1882, o que revela a alarmante decadencia productiva dos nossos solos, por unidade de superficie. Ora, Senhores, é sempre o mesmo problema a repetir-se em diversos paizes do mundo. Ora, é a França, que sente o declinio da produção de trigo; ora a Allemanha, a Suecia, a Italia, com o seu arroz, etc. Reunem-se os Congressos, estudam-se as variedades mais productivas e resistentes, regeneram-se as terras e eis que a produção retoma a sua primitiva linha, proporcionando a economia e a abundancia. São os methodos, as estações de genetica, a palavra dos especialistas, que vem da bocca de Bournoff, na Russia, para Azzi, na Italia; é Strampelli, o sabio director do Campo de Rietti, e outros tantos technicos que dão solução ás periodicas crises da produção.

Uma cultura triumphante em 20 annos. Carlos Botelho. Bradford. O Rio Grande do Sul. O rei do arroz.

Aquí mesmo, em São Paulo, ha cerca de 17 annos, surgiu uma figura de intelligencia esclarecida, o Dr. Carlos Botelho, (Muito bem) que mandou buscar especialistas para a cultura do arroz, fundando um campo de experiencias em Moreira Cesar, sob a direcção de Bradford, onde foram empregados os processos usados na Louisiana, Estados Unidos. Ali estive, em 1910, aprendendo os methodos que transporte para minha terra, tão encantado fiquei com a sua precisão e com os auspiciosos resultados que poderiam ter entre nós.

Pois não se fez, dentro de vinte annos, uma cultura scientifica e delicada como a do arroz? Pois não se fez essa cultura até então apenas viavel nas baixadas inundaveis, entregues a alguns individuos sem nenhum preparo, que se aventuravam á sorte? E não entramos, mais tarde, com o producto das nossas lavouras, a competir nos mercados platinos, com similares indians e italianos, com o nosso typo P O B, do Rio Grande do Sul, das lavouras do grande industrial — o Rei do Arroz — esse operoso agricultor que é o Sr. Coronel Pedro Osorio? O Rio Grande do Sul correspondeu perfeitamente ás indicações dos methodos de Bradford, mas não ficou só nisso: mandamos vir da Italia o notavel especialista Novello Novelli, estipendiado então por um grupo de particulares, sem auxilio algum do Governo, para orientar ali as importantes plantações que se iniciavam. Era mistér que elle repetisse, no nosso Estado, o que havia

feito na Italia, quanto ás sementes mais apropriadas, o que realizou após demorada visita a algumas plantações, entre as quaes a da firma Simões Lopes & Irmão, por mim então dirigida, e na qual experimentamos cautelosamente 12 variedades de sementes importadas das melhores casas italianas. — Dahi surgio a preferéncia então do "Nero de Vialoni" e, posteriormente, do typo "Japonez".

Isto quer dizer que os problemas se resolvem positivamente, desde que o homem se decida a investigar, com clarividéncia, com confiança e, sobretudo, com paciéncia, sem a qual nada se consegue em agricultura.

Meus Senhores. — Conheço o Estado de S. Paulo ha muitos annos; faço justiça ao seu progresso e á extraordinaria capacidade de trabalho de seus filhos. Mas não de permittir que eu diga que um facto me impressionou profundamente, quando, em 1922, comecei a observar a decadéncia da producção dos cafésaes. Como Ministro da Agricultura de então, voltei logo os meus olhares para esse problema no grande Estado caféeiro, onde sabia existirem technicos illustres, aos quaes era preciso auxiliar com os recursos materiaes e com todo o apoio da administração federal. Si fordes ver o orçamento daquelle Ministerio para o anno de 1922, lá encontrareis a verba de 400 contos para iniciar ali uma Estação Experimental de Café. Isso quer dizer que, ha cinco annos, eu reconhecia a necessidade imperiosa de estudarmos mais detidamente esta questão (Muito bem). Citei ha pouco o que se deu com a cultura do arroz, o que demonstra que não devemos ter rivalidades regionaes (Muito bem). Que eram os outros Estados, neste ramo da agricultura, antes da lição de Bradford, em São Paulo? Existiam plantações rudimentares que não davam resultados economicos apreciaveis, plantações que só vieram a ter corpo definitivo quando foram enquadradas dentro dos methodos scientificos trazidos por esse notavel technico americano.

Necessidade de adubação. Inconvenientes das culturas cumulativas de milho e feijão.

Quanto á legislação sobre adubos, tambem foi ella objecto das minhas preocupações. Tive occasião de referendar, e o digo com especial satisfação, um projecto de minha autoria, que durante largo tempo adormeceu nas commissões da Camara. Lançou-se assim a primeira pedra da legislação federal sobre tão palpitante

assumpto e aqui está ao nosso lado, presidindo esta sessão, o meu nobre amigo Prefeito da Capital de São Paulo, o Sr. Dr. Pires do Rio, que, no alto posto de Ministro da Agricultura, procurou, com intelligéncia esclarecida, apoiar quanto ponde, os planos que estavam concertados para maior efficiéncia das diversas culturas do paiz.

Mas, quaes as causas do empobrecimento das terras caféieras de São Paulo e de outros Estados? Em primeiro lugar, está a falta da restituição dos elementos nobres que della são retirados com a cultura do café; em segundo lugar, as culturas subsidiarias do milho e do feijão.

O Sr. Lima Corrêa — Posso affirmar a V. Ex. que foi apresentada ao Congresso do Café these nesse sentido.

O Sr. Simões Lopes — Acceto a observação do nobre congressista, mas uma vez que o Congresso vae manifestar-se sobre o assumpto, precisamos tomar uma decisão definitiva, porque não é possivel continuar o systema que vigora até o presente momento. — Em todos os calculos que tenho visto sobre a quantidade de elementos nobres subtrahidos aos solos de São Paulo, nunca vi computadas as parcelas correspondentes ás culturas cumulativas de feijão e milho, mas, tão sómente, a parte que o café retira. — Ora, as culturas cumulativas de feijão e milho, não podem deixar de entrar em conta, porque ellas tambem esgotam o solo; são tentaculos que, simultaneamente, subtraem os elementos fertilizantes da terra, esgotando-a, tão imperceptivelmente que, conforme assignalei, não são geralmente os seus danos computados para as necessarias correções. — Isso, positivamente, não é razoavel.

O Sr. Augusto Ramos — Apoiado.

O Sr. Simões Lopes — Em terceiro lugar, ha deficiéncias culturaes: capinas mal feitas, o que, aliás, é mais facil de corrigir. Não se pratica tambem a genética nas varias zonas do Estado, onde são differentes as terras, o clima e outras condições. Existe o antigo Instituto Agromico de Campinas, faltando outros estabelecimentos scientificos regionaes, que estudem as condições de productividade das zonas do Estado, afim de poderem orientar a nossa maior cultura. Conforme opinião do Dr. Augusto Ramos, chegamos, em São Paulo, a uma média de 700 kilos por hectare. Pela estatística de 1920, o café cobre uma área de 1.028.000 hectares. O milho, a de 571.000 hectares e o feijão a de 579.000 hectares. Como já dissemos, o milho e

o feijão são geralmente cultivados dentro da área caféira. De accordo com os dados conhecidos, organizamos o seguinte quadro, relativo ao desfalque soffrido pelos solos onde são feitas taes culturas em commum:

Cada colheita rouba, por hectare, em kilogrammas:

Elementos	Café	Feijão	Milho	Total
Azoto	12,7	0	52,0	60,7
Acido phosph....	3,2	11,7	11,0	26,5
Potassa	16,7	17,5	45,0	29,2
Cal	2,3	2,5	12,6	17,4
Magnesia	3,1	0	10,8	13,9

Neste calculo é que eu digo que não poderiamos deixar de computar as culturas do milho e do feijão, por consideral-as esgotantes; e, chegado a este ponto da minha palestra, eu peço aos Srs. congressistas que collaborem com os seus apartes, afim de que o assumpto seja bem esclarecido. Aquelles que não estiverem de accordo com as minhas affirmações, que o digam francamente e ficarei agradecido.

O Sr. Ferreira Ramos — V. Exa. está falando com grande conhecimento de causa. (Muito bem).

O Sr. Simões Lopes — Muito agradecido a V. Ex. Os Srs. congressistas foram convidados para assistirem a uma conferencia e conferencia é o que estou fazendo neste momento, permittindo a communicabilidade de idéas entre todos os presentes.

Um Sr. congressista — A intercalção, nos cafésaes, da cultura do milho, não é geral.

O Sr. Simões Lopes — Estou de accordo com o que diz o Sr. congressista...

O Sr. Veiga Miranda — E' uma contingencia dos lavradores, devido á falta de colonos.

O Sr. Simões Lopes — ... mas a verdade é que a grande maioria dos fazendeiros cultiva o milho e o feijão nos cafésaes.

O Sr. Veiga Miranda — Si não procederem assim, não terão colonos.

O Sr. Simões Lopes — Creio que a regra geral é esta: o colono, para se tornar, aparentemente, menos oneroso ao fazendeiro, como que impõe a lavoura subsidiaria em commum, do milho e do feijão, mas estas deveriam ser feitas fóra do cafésal. Era preferivel até que o fazendeiro entrasse com o dinheiro correspondente ao valor desses dous cereaes.

O Sr. Veiga Miranda — Muitos fazendeiros se propõem a pagar aos colonos certas quantias para que elles comprem os cereaes que pode-

riam retirar dessa cultura. Os colonos, porém, se recusam e preferem cultivar os cereaes, porque isso facilita o trato do caféiro. Parece um exaggero mas é verdade.

Um Sr. congressista — E' preferivel dispensar os colonos que assim procedem.

O Sr. Veiga Miranda — Os fazendeiros ficam sem braços para a lavoura.

Um Sr. congressista — Mas os colonos não podem orientar os fazendeiros.

O Sr. Simões Lopes — Disse um dos senhores congressista que os fazendeiros são a isso conduzidos por motivos imperiosos.

O Sr. Veiga Miranda — Por escassez de braços.

O Sr. Simões Lopes — Mas o fazendeiro que bem medir os prejuizos não se sujeitará a tal regimen.

O Sr. Lima Corrêa — Em fazendas bem organizadas, como a Fazenda Buenopolis, que brevemente será visitada pelos Srs. congressistas, todos poderão verificar qual o regimen adoptado.

O Sr. Ferreira Ramos — Tive occasião de ouvir de um colono, para o qual fóra offerecida uma certa importancia para não plantar no cafésal, o seguinte: "Mas, Sr. Dr., eu gosto de ver crescerem as plantas".

O Sr. Simões Lopes — O que é necessario é reagir contra tudo isto e tenho a certeza de que o fazendeiro poderá fazel-o com vantagem.

O Sr. Ferreira Ramos — Desde que haja braços em abundancia, do contrario será difficil.

O Sr. Simões Lopes — No quadro que acabei de ler aos Srs. congressistas, cheguei, depois de todas as operações, á cifra redonda de 200 kilos por hectare-anno, ou sejam 20 grammas dos 5 elementos roubados á terra por metro quadrado de cultura.

O Sr. Augusto Ramos — E' formidavel.

O Sr. Simões Lopes — Ora, essa exigua quantidade de 20 grammas, em trinta annos, e com uma média de 600.000 hectares, produz, só para São Paulo, a perda de 120.000 toneladas annualmente, ou sejam 3.600.000 toneladas nesses 30 annos. Feito o calculo para as terras caféiras do Brasil, será a perda superior a 7.000.000 de toneladas, nesse mesmo prazo. — Notem os Srs. congressistas que organisei a tabella admittindo que toda a palha do café e do feijão fique na lavoura, e restituindo apenas um terço da do milho, que, como se sabe, tem outras applicações.

Nada disso convenientemente se aproveita. — Os Estados Unidos importam 1.000.000 de toneladas de salitre do Chile; o Peru' importa 800.000 toneladas; Portugal não faz a sua agricultura com menos de 100.000 toneladas e nós, que pouco importamos, deixamos sahir para o estrangeiro grande parte do que produzimos. Em 1913 importamos 9.500 toneladas; em 1921, 900 toneladas de adubos chimicos. Actualmente, muito pouco recebemos do estrangeiro e com uma producção de cerca de 20.000 toneladas annuaes de adubos de origem animal, não consumimos mais de 12.000 toneladas, conforme nota do Fomento Agricola, do Ministerio da Agricultura. Como se vê, não tomamos absolutamente a serio o problema da adubação; temos receio de empregar o nosso capital em fertilizantes, com os quaes trabalham systematicamente todos os povos bem orientados. Ha dezeseite annos, como directores technicos da firma Simões Lopes & Irmão, no Rio Grande do Sul, fomos dos primeiros fabricantes de um adubo phosphatado, de reziduos das xarqueadas, que, analysado, então, no Instituto Agronomico de Campinas, deu o seguinte resultado:

Acido phosphorico	37,06 %
Azoto	1,15 %
Cal	9,00 %

Vendiamos esse adubo a 110\$000 a tonelada, cif Santos, conseguindo introduzil-o em grande quantidade nas lavouras de São Paulo. Teremos, fatalmente, de empregar os adubos chimicos, pela difficuldade de obtel-os, em quantidades necessarias, de outra natureza. Urge, tambem, resolvermos o problema da fixação do azoto atmospherico, a exemplo da Allemanha, Estados Unidos, França, etc., pois esse é o manancial mais favoravel á obtenção de tão importante elemento.

Custo da adubação. Custo de producção ha 45 annos e actualmente.

Quanto ao custo da adubação chimica, apresento as seguintes notas, baseadas na tabella anterior e relativa aos effeitos esgotantes das referidas culturas:

**CUSTO DA RESTITUIÇÃO DOS ELEMENTOS
RETIRADOS DO SOLO, POR HECTARE**

	<i>kg.</i>	
Nitrato de sodio	400	320\$000
Chlorureto de potassio	160	96\$000
Superphosphato	200	120\$000
Magnesio	7	9\$800
Cal	9	27\$000
Total		572\$800

E' claro que, conforme analyse das terras onde se exercem as alludidas culturas, poderá haver qualquer modificação no criterio da dosagem desses correctivos. Parecerão exaggerados taes algarismos para os que se esquecerem de computar as duas outras culturas cumulativas.

Mas arredondemos o tal em 600\$000, que tomaremos como custo dessa adubação.

O Sr. Ferreira Ramos — O Presidente da Republica de El Salvador, Sr. Quinones, disse-me que na America Central se empregam os adubos chimicos, que custam mais de 100 dollars por hectare.

O Sr. Simões Lopes — Quanto aos adubos, dá-se o mesmo que com as sementes. Não ha sementes cara. E' uma illusão do lavrador. Mas, dado que esse custo monte a 600\$000 por hectare e que o accrescimo da producção seja apenas de 500 kilos por hectare, teremos, ao preço actual de 33\$000 a arroba, 1:056\$000. Deduzidos esses seiscentos mil réis, teremos o saldo de... 456\$000 por hectare, a favor do lavrador.

Sejam apenas 400\$000 e teremos nós 1.026.000 hectares o lucro de 411.000:000\$. Para todo o paiz, esse lucro subiria a mais de um milhão de contos de réis. Deduzidas as despesas da adubação das outras culturas que devem ser retiradas para fóra do perimetro da área dos cafésaes, as despesas geraes de adubação diminuiriam de cerca de um terço, barateando a adubação das terras. Por ahí se vê a gravidade do problema que agitamos, neste instante, pondo em relevo as tristes consequencias dos methodos vulgarmente seguidos nas nossas actuaes lavouras caféiras. Agora façamos, a titulo de curiosidade, um ligeiro confronto do custo de producção do café, ha 45 annos, sob o regimen da escravidão, com o actual, para podermos julgar da situação do lavrador, após tantos annos de evolução da maior das culturas brasileiras.

O Sr. Augusto Ramos — Aliás muito difficil.

O Sr. Simões Lopes — No trabalho do Professor Couty, ao qual me venho reportando, foi esse estudo feito em varias fazendas do Estado do Rio e de São Paulo. Pode-se tomar, como média do custo de producção por arroba, ha 45 annos, a quantia de 2\$700, e, para preço de venda, segundo as melhores notas consultadas, de 1882, a importancia de 8\$300; restando, pois, um saldo de 5\$600 que, ao cambio então vigente, de 22 d., representava a importancia de 4\$500, ouro, por arroba.

O Sr. Ribeiro Junqueira — Mas, V. Exa. inclue só o custeio, ou, tambem, o juro ou amortização do capital empregado? Com os impostos, transportes, etc., acho que esse lucro é demasiado.

O Sr. Simões Lopes — Informo a V. Exa. que taes despesas estavam incluidas. Na opinião dos Srs. congressista, qual o total de despesas com uma arroba, actualmente?

O Sr. Augusto Ramos — A média é de 14\$000, sem levar em conta certas cousas.

O Sr. Simões Lopes — E' natural que queiramos saber qual a vantagem do regimen do braço livre sobre o antigo systema, e se foi ou não elle favoravel á economia dessa riqueza.

O Sr. Ribeiro Junqueira — V. Exa. não leve a mal o meu aparte. Eu me referi apenas aos termos em que foi collocada a questão e disse que o lucro do fazendeiro não estava na differença a que V. Ex. alludio.

O Sr. Simões Lopes — Aqui estão os algarimos:

1927 — Custo da producção, por arroba	14\$000
— Preço de venda	33\$000
	19\$000

ao cambio de 6 d., 4\$200, ouro.

Pergunto eu: trabalhando o fazendeiro com o braço livre não devia levar grande vantagem? Certamente. Mas, se o fazendeiro antigo tinha 1.100 kilos por hectare e o de hoje tem 500 kilos, conclue-se que o de hoje está onerado porque o custo de producção diminue á proporção que augmenta o volume das colheitas por unidade de superficie.

O fazendeiro de hoje dispende um esforço muito maior devido á diminuição da producção.

O Sr. Augusto Ramos — Hoje o custeio tem por base uma despesa de 1\$000 por pé de café.

O Sr. Simões Lopes — São desprezenciosas considerações que estou apresentando á attenção do douto Congresso do Café, para mostrar a influencia da decadencia productiva na economia da importante lavoura caféeira.

O Sr. Augusto Ramos — E tem falado muito bem.

O Sr. Simões Lopes — Ha poucos dias, na Camara Federal, pronunciei um discurso no qual fiz um balanço da producção do paiz, verificando que a nossa exportação de artigos de origem animal decahio de 30 % e de 15 % a de origem vegetal. A reconstituição dos rebanhos e dos campos de cultura estão se operando e vamos sendo, aos poucos, eliminados dos mercados. Nesse meu discurso, tive occasião de ler trechos do meu Relatorio ao Presidente Epitacio Pessoa, em que estava previsto tudo isso. Eu encarava a nossa exportação para o estrangeiro, não como uma conquista dos melhores methodos de trabalho, mas como uma contingencia do momento. Passada a guerra, cada paiz procurou reconquistar a sua posição, refazendo os seus rebanhos e desenvolvendo a sua producção.

O Sr. Augusto Ramos — A França hoje tem um rebanho maior que o de antes da guerra.

O Sr. Simões Lopes — Em relação á industria agricola, o trabalho para a reconquista dos mercados, foi-se operando gradativamente, á proporção que os varios paizes foram reconstituindo os seus campos devastados. A França ficou quasi sem terras que pudessem ser lavradas durante muitos annos.

Meus Senhores, os indices a que me referi, são desfavoraveis, porque attestam a decadencia da nossa producção. Verificamos a diminuição da nossa exportação e o augmento, em 40 %, na importação de generos alimentares!

O Sr. Augusto Ramos — E' realmente gravissimo!

O Sr. Simões Lopes — Isso não nos deve intimidar, mas serve para prevenir nossos espiritos, concitando-nos a produzir barato porque, só assim, poderemos reconquistar os mercados exteriores. O estrangeiro está trabalhando com abundancia de braços e munido de todos os modernos recursos e não poderemos ali penetrar senão baixando o custo da producção. Para isso é necessario o emprego de boa apparelhagem agraria e de boas leis fomentadoras da producção.

Movimento de organização auspiciosa. O primeiro engenheiro agrônomo chamado a posto de commando. Suggestões.

O grande Bismark disse, certa vez, que via, na decadencia da agricultura, o maior perigo para a preeminencia da raça allemã.

E' da agricultura que tem de brotar toda a nossa grandeza futura e eu vejo, felizmente, neste ambiente, que tudo se prepara para essa marcha gloriosa: — O illustre Sr. Presidente da Republica, que sahio de um Estado que é uma modelar officina de trabalho; o Sr. Lyra Castro, operoso Ministro, applicam todos os esforços, todo o seu patriotismo, para o resurgimento da agricultura nacional. (Muito bem).

Vejo em outros Estados as administrações mudando de rumo, organizando seus serviços, collocando nos postos homens capazes, creando repartições de fomento, reorganizando as secretarias, tudo de molde a sahirnos do regimen de aventuras e de entrarmos na trilha da conquista gradativa da nossa felicidade economica. E este auspicioso ambiente é o que venho encontrar neste Estado, dirigido pelo joven, intelligente e ardoroso Julio Prestes, de visão larga (muito bem) e cuja melhor demonstração de acerto, nesse terreno, está na escolha, para a Secretaria da Agricultura, do distincto agrônomo Sr. Fernandes Costa (muito bem) que já trabalhou efficientemente na Assembléa do Estado, onde produzira notaveis discursos em torno do problema que estamos agora debatendo. — O Sr. Fernando Costa é um grande propugnador do programma da adubação das terras e está procedendo a uma reorganização modelar de sua repartição. Tudo isso, Meus Senhores, ao lado da intelligencia perspicaz do lavrador paulista e do concurso dos technicos que tem sahido da Escola Agricola de Piracicaba e de outras do nosso paiz, tudo isso forma um conjuncto que traz ao nosso espirito as melhores esperanças, enfrentando com coragem os problemas nacionaes, dispostos a disputar os nossos lugares lá fóra, mediante uma producção abundante e barata. Eu tenho terminado, Meus Senhores, extraordinariamente sensibilizado pelo acolhimento que me dispensaram e por ver aqui ao meu lado, entre outros eminentes brasileiros, os Srs. Azevedo Marques, Veiga Miranda, fizeram parte do Governo dirigido pelo grande brasileiro Epitacio Pessoa (Muito bem); por ver, presidindo esta sessão, o Deputado Ribeiro Junqueira, personalidade de escol entre os illustres representantes de Minas Geraes; por ter a

meu lado a figura de Pereira Lima que, passando tão rapidamente pelo Ministerio da Agricultura, lá deixou traços indeleveis de sua intelligencia e do seu patriotismo (Muito bem); pelo comparecimento de tantos technicos e das delegações de varios Estados, modestos obreiros da obra commum em prol do nosso trabalho agricola. Eu vos agradeço e faço votos para que a posteridade, daqui a cem annos, commemorando o 3º Centenario da Introducção do Café no Brasil, rememore a obra que o Congresso de Café vae produzir, porque ella, certamente, será uma clareira aberta na estrada da grandeza e do futuro da nossa estremecida Patria.

Ao espirito elevado dos Srs. congressistas, apresento as seguintes suggestões de medidas que reputo necessarias no presente momento:

- 1.ª — Creação, nos Estados caféeiros, de campos de cultura scientifica nas diversas zonas productoras;
- 2.ª — Construcção, nas fazendas, de estrumeiras e de silos;
- 3.ª — Legislação conveniente diffcultando a exportação de adubos, de quaesquer naturezas, produzidos ou fabricados no paiz;
- 4.ª — Suppressão das culturas cumulativas de milho e feijão ou outras quaesquer feitas dentro da mesma área caféeira;
- 5.ª — Aproveitamento da potassa proveniente das cinzas da lenha consumida nas estradas de ferro e machinas fixas do interior;
- 6.ª — Promover o emprego de camiónes automoveis, munidos de gazogenios a carvão de madeira ou a lenha;
- 7.ª — Fomentar a industria da fixação do azoto atmospherico.

NOTA — A conferencia que acabaes de ler mereceu distincção muito honrosa no Parlamento Paulista.

O illustre deputado Orlando Prado, num gesto de captivante cortezia, que sobremaneira sensibiliza o conferencista, commentando-a em uma das suas sessões, suggeriu — e a Camara approvou sem discussão — a sua inserção nos Annaes.

No seio da prestigiosa e benemerita Sociedade Paulista de Agricultura a conferencia despertou, igualmente, vivo interesse, tendo o seu illustre presidente Dr. F. Ferreira Ramos proposto a inserção, em acta, de um voto de louvor ao conferencista e de congratulações á Sociedade Nacional de Agricultura, de que o mesmo é presidente.

A proposta foi unanimemente approvada.

COFFEA BRASILLÆ FULCRUM

O 2.º CENTENARIO DA INTRODUÇÃO DO CAFÉIRO NO BRASIL
SUA COMMEMORAÇÃO EM S. PAULO

Um pouco de historia do caféiro

No mundo. — O caféiro é originario de Kaffa, região da Abyssinia, parte S. E. da antiga Ethiopia, na Africa Central. D'ahi foi transportado para uma das cidadelas do Imperio Otomano — o *Yemen* (a Arabia Feliz, dos antigos) — onde, devido á maior fertilidade da terra e á melhor constancia do clima, constituiu seu novo *habitat*, tornando-se mais robusto e sadio.

E' provavel que nessas duas regiões — Abyssinia e Arabia — o caféiro, a par de planta ornamental, tivesse suas outras utilidades descobertas pelos naturaes, que, desde logo, d'ellas começassem a fazer uso.

Ninguém sabe, ao certo, como se deu essa descoberta, e ridiculo seria tentar qualquer versão do assumpto, tanto mais que isso, para a maioria das plantas economicas, entre os povos antigos, foi sempre mera obra do acaso. Mas, fosse como fosse, graças a ella, o caféiro se impoz á admiração universal. Partisse da Abyssinia a originalidade do uso do *Bonne* (nome dado ao grão e á bebida), ou da Arabia, no *Kahvah* ou *Cahué* (d'ahi, talvez, *Café* em portuguez), o facto é que, conhecida sua grande e boa influencia na economia humana, elle se propagou rapidamente e, em consequencia, a cultura do proprio caféiro. Essa propaganda pôde attribuir-se, tanto ás caravanas que, sahindo do Yemen, com carregamento de café para uso proprio, demandavam outros paizes, atravez os desertos, como ás caravellas costeiras dos mares asiaticos, que faziam em Moka (porto de mar da Arabia) suas praças commerciaes, levando tambem o café, portanto, a terras extranhas.

Assim, viajando as areias abrasadoras do Dehna, do Nefond e da Syria, o café, com o seu uso, entrou em Oman, invadiu a Persia e estendeu-se por quasi toda a Asia; galgando as montanhas e descendo os valles de Assir e Hedjaz, e atravessando a planicie liquida do Mar Vermelho, attingiu, elle, as terras santas do Sinai, a Palestina, a Assyria e Mesopotamia; e, finalmente, pelo Mar Mediterraneo, foi parar na capital do Egypto — o Cairo. De outro lado, irra-

diando de Moka, espalhou-se, atravez os mares, pouco a pouco, pelas terras da Asia e da India.

Deixando a Asia e o Egypto, o café foi fixar-se, em 1554, em Stambul — Constantinopla dos christãos — attingindo, portanto, a Europa, onde, mais tarde, seu uso se propagou extraordinariamente, por arte, não só das grandes descobertas maritimas, sinão, tambem, das viagens particulares de Leonardo Ranwolf, medico allemão, ao Oriente, em 1570; Prospero Alpino, ao Egypto, em 1580; e Pietro della Valle, ao Oriente, em 1513, que voltaram enthusiasmados com a famosa rubiacea.

Foi de tal ordem a propaganda, que o numero de cafés publicos abertos na Europa, além dos de Stambul, era considerado como verdadeiro delirio pelas chronicas da época.

Em sua secular peregrinação, o café luctou muito contra os preconceitos oriundos das diferentes seitas religiosas, nas regiões que conquistára, como, ainda hoje, lucta contra as opiniões medicas, mas, sahindo sempre victorioso.

A' vista do enorme incremento do uso do café na Europa, a Hollanda decidiu-se a ensaiar a cultura d'esta planta nas suas possessões orientaes. A primeira tentativa, neste sentido, fraccassou; mas, depois, com algumas mudas obtidas de Moka e o empreendimento dirigido por Nicolau Witsen, chefe da Companhia das Indias Orientaes, os resultados foram animadores, ao ponto de, mais tarde, a Metropole, fazer estender essa cultura a todas as possessões asiaticas, remetendo, para a Europa, em 1719, a primeira partida de café.

Conta a historia que esse mesmo Nicolau Witsen enviou, do Oriente, algumas mudas de café para a Hollanda, onde foram cultivadas em estufa, e, vingando, originaram, por seus fructos, outras tantas, das quaes, tres recebeu, de presente, em 1713, Luiz XIV, de França.

A esse tempo, justamente, surgia, nas "Memorias da Academia de Sciencias de Pariz", um trabalho de Antonio Jussieu, sobre o caféiro. Por influencia d'este trabalho, e deante da generalização, em toda a Europa, do uso do café, o governo francez se interessou pela propagação das mudas, que recebera de presente.

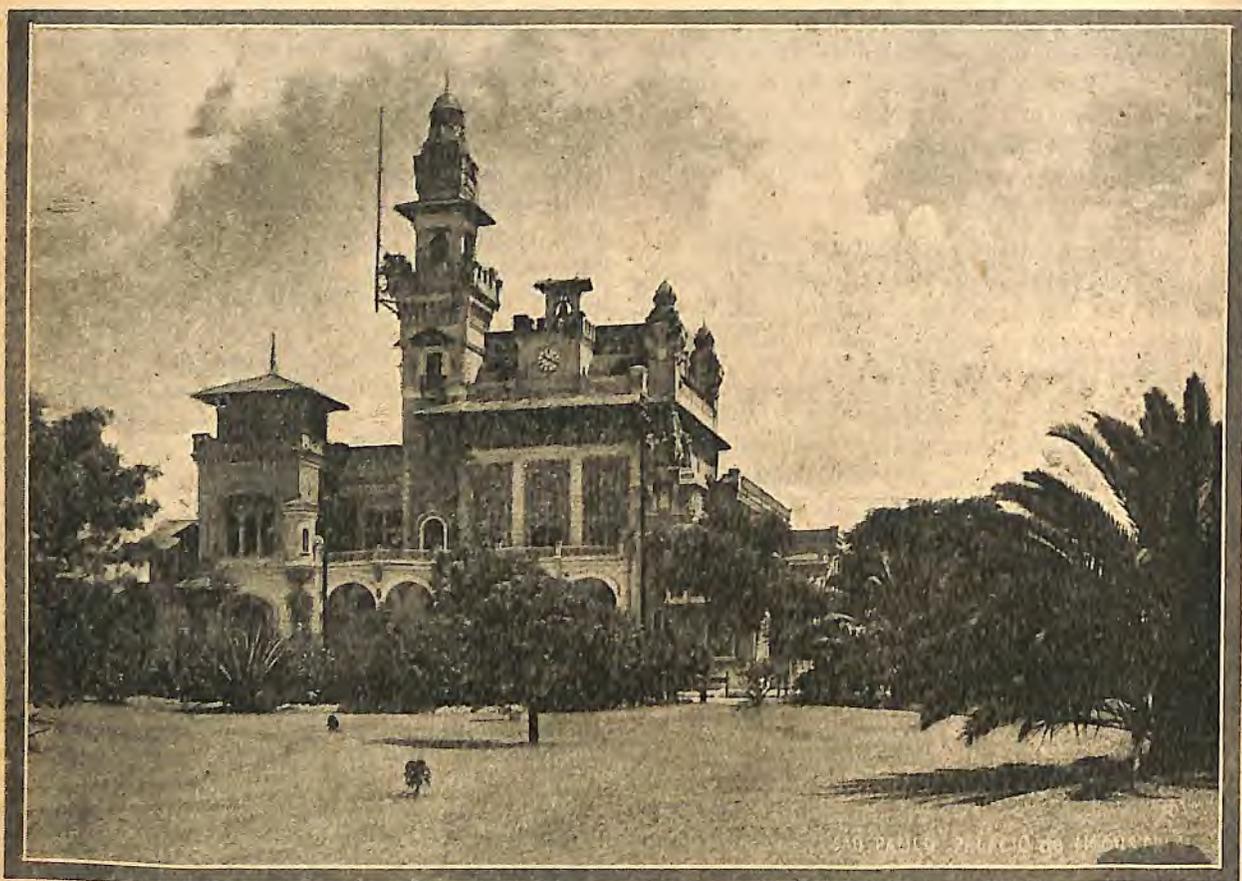
em suas possessões da Asia e da America, d'isso incumbindo ao proprio Jussieu.

Por lhe parecer ser a Martinica a possessão franceza que offerecia o meio mais favoravel á adaptação do cafeeiro, Jussieu entregou as mudas de cafeeiro ao joven official de marinha, Desclieux, que, para lá, partia nessa occasião.

O bravo marujo cumpriu, satisfactoriamente

de Cayenna, na Guayana Franceza, trazia, para o Estado do Pará, algumas mudas e muitas sementes de cafeeiro, verificando-se, assim, ha dois seculos, as primeiras tentativas e, portanto, o começo da cultura cafeeira no territorio brasileiro.

Em 1728, a cultura estendia-se ao Estado do Maranhão.



Palacio das Industrias, na capital de S. Paulo, onde se realizou a grande Exposição do Café

te, sua importante missão, apesar dos grandes temporaes que teve de enfrentar, na travessia do Atlantico. As mudas plantadas por Desclieux, vingaram na terra das Antilhas, juntamente com outras, para ali, mandadas por Nicolau Witsen, quando d'aquella remessa que fez á Hollanda.

Desenvolvendo-se, sua cultura nas Antilhas e nas Guyanas, o cafeeiro poudo ganhar as plagas da America, penetrando, depois, o solo brasileiro.

No Brasil. — Em maio de 1727, o Sargento-Mór Francisco de Mello Palheta, regressando

D'essas plantações iniciaes, resultou serem enviadas para Lisboa, em 1730, as primeiras amostras de café, o que deu logar á lei de 30 de julho de 1731, isentando de direitos, por doze annos, o café produzido no Grão-Pará e no Maranhão.

Expandindo-se para o sul do paiz, o cafeeiro se implantou na Bahia (Caravellas), em 1770, no Espirito Santo, e na provincia do Rio de Janeiro, em 1774.

Da provincia do Rio de Janeiro e — da estrada que dava caminho para Minas Geraes (caminho de Rezende) — o cafeeiro rumou

para São Paulo, em fins do seculo XVIII e principios de XIX, iniciando-se sua cultura por duas regiões distinctas e diversas: extremo Este, nas terras hoje occupadas pelos municipios de Areias, Queluz, Bananal, em divisa com o actual Estado do Rio; em Jundiáhy, e, depois, definitivamente, em Campinas.

Do Rio de Janeiro, passou o cafeeiro, também, para Minas Geraes, e de São Paulo foi ter, posteriormente, ás terras do Paraná, onde sua cultura só agora está tomando vulto.

E, assim, temos esboçada a historia da formação da grandiosa riqueza economica que é, hoje, o sustentaculo da nossa nacionalidade.

O programma das commemorações

O programma organizado para a commemoração do bi-centenario da introdução do cafeeiro, no Brasil, é vasto e muito variado, destacando-se, logo, os dois numeros principaes: a Grande Exposição e o Congresso.

A programmação geral dos festejos ficou, assim, definitivada: ▀

Outubro:

Dia 15 — Sabbado — Dia do Estado do Rio de Janeiro, na Grande Exposição do Café.

Dia 17 — 2ª feira — Inauguração do Banco do Estado de São Paulo.

Dia 18 — 3ª feira — Dia do Estado de Minas Geraes, na Grande Exposição do Café.

Dia 19 — 4ª feira — Collocação de uma corôa de bronze no tumulo de Albuquerque Lins.

Dia 20 — 5ª feira — Inauguração do retrato de Gustavo d'Utra, na Secretaria de Agricultura de São Paulo.

Dia 21 — 6ª feira — Pela manhã, partida dos congressistas para Piracicaba, visita á Escola Agricola Luiz de Queiroz, regresso á Campinas, á tarde, e partida, pelo noturno para Ribeirão Preto.

Dia 22 — Sabbado — Visita a uma das fazendas de Ribeirão Preto, á tarde, e inauguração do busto de Francisco Schmidt, naquella cidade; á noite, regresso a São Paulo.

Dia 23 — Domingo — Dia dos Commissarios de Café, na Grande Exposição do Café.

Dia 25 — 3ª feira — Dia dos Municipios de São Paulo, na Grande Exposição do Café.

Dia 26 — 4ª feira — Homenagem ao Comercio de Santos; inauguração de uma placa de bronze, commemorativa da Bolsa de Café.

Dia 27 — 5ª feira — Dia do Estado do Espirito Santo, na Grande Exposição do Café.

Dia 29 — Sabbado — Dia do Estado da Bahia, na Grande Exposição do Café.

Dia 30 — Domingo — Collocação de uma corôa de bronze no tumulo de T. Peckolt, no Rio de Janeiro.

Dia 30 — Domingo — Collocação de uma corôa de bronze no tumulo de Luiz Pereira Barreto e de Alexandre Siciliano, em São Paulo.

Dia 31 — 2ª feira — Dia da Cruz Vermelha, na Grande Exposição do Café.

Novembro:

Dia 3 — 5ª feira — Dia dedicado á imprensa, na Grande Exposição do Café.

Dia 4 — 6ª feira — Inauguração da Avenida do Café, em São Paulo.

Dia 5 — Sabbado — Dia do Estado do Paraná, na Grande Exposição do Café.

Dia 9 — 4ª feira — Dia do Estado de Pernambuco, na Grande Exposição do Café.

Dia 12 — Sabbado — Inauguração do monumento do café, em Campinas; á tarde, inauguração do busto de Daffert, no Instituto Agromico, nessa cidade.

A solemnidade da inauguração da Exposição e do Congresso do Café

Aspecto das immedições do Palacio das Industrias. — Parece não se haver realizado, já-mais, na historia do imponente solar florentino — o Palacio das Industrias — festa que tanto e tão justo entusiasmo despertasse na população paulista, como esta, do café.

A multidão, uma multidão variegada e numerosa, composta de representantes de todas as

classes sociaes, desde ás primeiras horas do dia, começou a reunir-se nas immedições da Exposição. E' que o recinto externo, como o bello Palacio, apresentavam aspectos magnificos. No arco triumphal da entrada, encimado por duas bandeiras nacionaes, que desdobravam, ao vento primaveril, as côres amadas do symbolo da nossa patria, viam-se, pintadas nas

faces lateraes, ao alto, scenas representando episodios da descoberta e da conquista da terra.

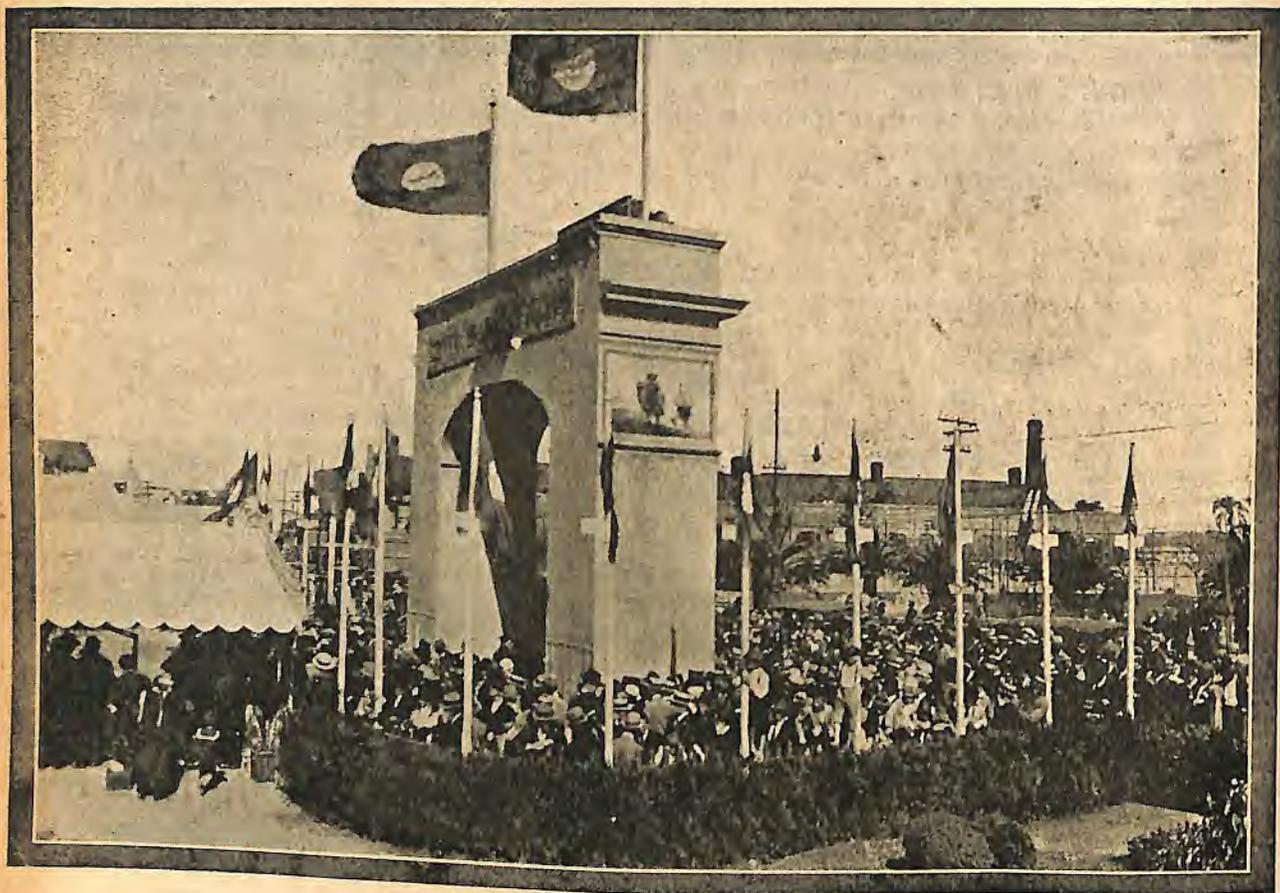
Mas, os aspectos das secções espalhadas pelo largo pateo que contorna o Palacio, não chamavam menos a attenção da multidão. E commentava-se, entre o povo, com sympathia, o gosto e a riqueza que presidiram á ornamentação, á distribuição das milhares de lampadas multicores, com que a avenida se engalanava até ás immediações do Mercado Central.

chegando aos poucos, e, no pateo fronteiro á Exposição, os alumnos do Lyceu do Sagrado Coração de Jesus, em numero de 1.800, todos uniformizados de branco, offerecendo o conjunto um admiravel aspecto.

Bandas de musica davam um ar alegre ás festividades, com suas marchas populares.

Um sol radiante brilhava, lindamente, no ceu azul da tarde.

A's 14 horas, precisamente, como fôra an-



O magestoso arco-triunphal da Exposição

A affluencia do povo tornava-se, de hora em hora, maior. Bondes, autos, e outros vehiculos, a cada momento, desembarcavam uma alluvião de visitantes.

O entusiasmo popular permaneceu, com a mesma intensidade, até ás horas avançadas da noite, e assim tem sido diariamente.

A inauguração. — Marcado para as 14 horas, do dia 12 de Outubro, o acto inaugural, já muito antes densa multidão se agitava no local. Centenas de automoveis enfileiravam-se; os convidados, autoridades e delegações de fóra, iam

nunciado, dava entrada, no recinto, S. Ex., o Sr. Dr. Julio Prestes, presidente do Estado. Ouviram-se, então, os acordes do Hymno Nacional, entoado pelos alumnos do Lyceu, com acompanhamento das bandas musicas.

Aguardando a chegada do Sr. Julio Prestes, já se encontravam, no local, os secretarios da Justiça, Fazenda, Agricultura e Viação, o Chefe de Policia, commandante da Força Publica, senadores, deputados e centenas de convidados.

Representando outros Estados e instituições, estavam presentes, ao acto, S. Ex. o Sr. Dr. Feliciano Sodré, presidente do Estado do Rio de Janeiro, coronel Teixeira de Freitas, representante do Exmo. Sr. Presidente da Republica; Senador Antonio Azeredo, vice-presidente do Senado Federal; deputado Vital Soares, futuro Governador da Bahia; Dr. Aristeu de Aguiar, futuro presidente do Espirito Santo; Senador Gilberto Amado, pelo Estado de Sergipe; Gratulino Mello, da delegação do Estado do Bahia; deputado Ildelfonso Simões Lopes, Dr. Julio Silva Araujo e professor Thomaz Coelho Filho, da delegação da Sociedade Nacional de Agricultura; Dr. Aguinaldo José de Souza, da delegação do Estado de Santa Catharina; deputado Alvaró Paes, pelo Estado de Alagoás; Dr. Delfim Carlos, director do Museu Commercial e Agricola, Dr. Carlos Moreira, director do Instituto Biologico, e Dr. Eurico Dias Martins, Di. Dr. Adriano Abreu, pelo ministro da Viação; Dr. Plínio Godoy, pelo ministro da Justiça; Dr. Léo d’Affonseca, pelo ministro da Fazenda, Dr. Raul Campos, pelo ministro do Exterior; deputados Ribeiro Junqueira, Waldomiro Magalhães, Dr. Theophilo Ribeiro, e coronel Socrates Alvim, da delegação do Estado de Minas Geraes; deputados Joaquim de Mello, Ranulpho Bocayuva, Drs. Oliveira Vianna, Fernando Barros Franco e Creso Braga, da delegação do Estado do Rio; deputado Geraldo Vianna, Drs. Moacyr Avidos, Bemvindo Novaes e Manoel Vivacqua, da delegação do Estado do Espirito Santo; Director do Fomento Agricola, todos do Ministerio da Agricultura.

Acompanhado das autoridades, convidados, membros das delegações, e da commissão organizadora da Exposição, o Sr. presidente do Estado dirigiu-se, logo depois, para o salão terreo, situado na frente do Palacio. Ahí, nas proximidades da “maquette” da fazenda “Itaqueré”, falou o Sr. Julio Prestes, dando por inaugurado o certamen.

O DISCURSO DO SR. PRESIDENTE DO ESTADO

“E’ grande o prazer que experimento, ao declarar inaugurada a exposição commemorativa do segundo centenario do café no Brasil. Ha duzentos annos que o cafeeiro foi aqui introduzido e vem crescendo e se multiplicando.

Recebemol-o, como aos colonos, quando fomos colonia. Com os nossos avós elle acclimou-

se, naturalizou-se brasileiro, internou-se pelo sertão, assistiu á conquista das selvas, substituiu as mattas, viu o nascimento e a multiplicação das cidades e da população, fez a nossa prosperidade, criou a nossa exportação, abriu o nosso commercio e foi o factor primordial da nossa independencia.

Com mais de um seculo de soffrimentos, não teve um só momento de desanimo e não capitulou, continuando a sua expansão, exigindo e financiando estradas, portos, industrias, instrucção e justiça, representação e cultura, até alcançar o apogéo de sua gloria, intensificando a nossa vida, disciplinando e preparando o paiz para a abolição, para a Republica, para a liberdade.

Ao café devemos o que somos. Sem elle não teriamos a nossa independencia politica, não poderiamos sonhar a nossa emancipação economica, nem nunca teriamos podido crear a patria maravilhosa de que nos orgulhamos.

Foi elle que prendeu o homem á terra; que deteve a caminhada das bandeiras; que criou o lar farto e feliz dos brasileiros; que conquistou o sertão para a civilisação, levando uma igreja a cada povoado que se abria e auxiliandó a conquista das almas para Deus; que nacionalisou os estrangeiros; que fez o lavrador honesto, bom e forte; que abriu as iniciativas creadoras; que galvanizou, nas crises, as energias capazes de desfallecer; que encorajou os governos; e é elle ainda hoje o élo que prende e disciplina o nosso trabalho, o nosso progresso, fazendo a nossa civilisação.

No seu triplice aspecto de lavoura, industria e commercio, é o café, na sua cultura, no seu preparo, no seu transporte e nos seus mercados, o sangue que alimenta a nossa vida e a vida que faz a nossa patria.

Ao lançar as linhas geraes do meu programma de governo, accentuei que “O Café é e será ainda por muitos annos a nossa principal cultura, a base da nossa riqueza, o principal elemento da nossa civilisação; que o muito que já tinhamos feito, pela sua defesa, ainda era pouco pelo que elle nos dá; que é no café que repousa a nossa tranquillidade no presente e a nossa esperanza no futuro, sendo da sua exportação que o Brasil tira o ouro de que precisa para a sua independencia economica; que a nossa exportação pelo porto de Santos durante o anno de 1926 fôra de 1.697.259:816\$000, correspondentes a £ 50.263.720 e que para essa

exportação concorrera o café de S. Paulo com 1.656.934:063\$000.

Affirmei que manteria e que procuraria aperfeiçoar o Instituto de Café; que a regularização dos embarques era um bem para a lavoura, uma necessidade para o Estado, uma cautela indispensavel para a regularidade das cambiaes para a União; que para não soffrermos a concorrência de outros paizes, precisavamos baratear o custo de nossa produção, melhorando e

volume das transacções bancarias em S. Paulo, no mez de Fevereiro, ultima estatistica que tinhamos, se elevava a um total de 5.657.545:676\$252, mas que esse movimento colossal representava um trabalho continuo de sucção e represamento de centenas de milhares de contos recebidos e empregados a curtos prazos, ganhando a differença dos juros, sem uma assistencia efficaz e prompta á lavoura que soffria a falta de numerario nas outras praças do



O Sr. Julio Prestes, presidente de S. Paulo, inaugurando a Exposição, lê o seu magistral discurso

multiplicando os transportes; organizando um serviço de braços no qual os colonos possam dividir o tempo em outras zonas ou em outras culturas, de modo a não pesarem durante todo o anno nas fazendas já organizadas e que delles necessitam somente por occasião das carpas ou das colheitas e, principalmente, do credito de maneira a baratear o custeio das lavouras; que os bancos que operavam na capital e no interior de S. Paulo, não possuíam carteiras hypothecarias capazes de satisfazer as nossas exigencias, auxiliando os productores com emprestimos a longos prazos e a juros modicos; que o

Estado — onde os bancos deixavam de operar em virtude da limitação dos embarques, cuja demora alterava as liquidações normaes dos negocios, influindo nas differenças entre os preços de café em Santos e no interior; que o Instituto se esforçaria por completar a sua grande missão económica e que, limitando as entradas do café, em Santos, não se descuidaria dos stocks retidos, promovendo o seu financiamento.”

Ao abrir hoje esta exposição antes de completar tres mezes de governo, posso, com satisfação, falar á lavoura e ao commercio de café de S. Paulo, que esse programma, que em ou-

tras oportunidades desenvolvi, vae sendo executado.

A Associação Commercial de Santos voltou a gozar das regalias e direitos pelos quaes pleiteava; a lavoura entrou a collaborar activamente com o governo; não instituímos e nem consentiremos em monopolios porque desejamos a prosperidade de todos; os "stocks" foram e estão sendo financiados; a reorganização do Instituto está feita e limitada á parte economica do café; a reforma do Banco do Estado está realizada em bases seguras e capazes de garantir a missão do Instituto; o credito hypothecario foi resolvido e o café, não obstante ser esta a maior safra, até hoje produzida no Brasil, não teve um só desfallecimento e nem uma só quêda nos mercados do paiz.

E tudo isso vae sendo feito e vae se realizando graças á sabia e patriótica orientação da política monetaria seguida pelo governo federal.

O credito de cinco milhões de libras, o credito hypothecario para o Banco do Estado e o grande emprestimo que o governo da União contractou, garantirão a abundancia de numerario necessario á lavoura, ás industrias, á pecuaria e ao commercio, sem a orçillação do cambio, isto é, sem a ruina de todas as actividades criadoras como antigamente acontecia, porque, com a Caixa de Estabilisação, as cambiaes nos trazem o dinheiro de que precisamos, sem os riscos da alta do cambio, que aniquilava todas as industrias, toda a producção.

Já iniciamos a solução dos transportes para estabelecer a concorrência que garanta a sua modicidade e esperamos em breve dar uma nova organização aos systemas de colonisação e de immigração até aqui adoptados.

O nosso programma será cumprido para a felicidade de S. Paulo e para a grandeza do Brasil.

Manteremos a ordem, e, com a ordem, florescerá o progresso, assignalando a época constructora que atravessamos, commemorando o segundo centenario da arvore do trabalho e da fortuna com a exposiçáo que declaro inaugurada."

FALA O SR. RANGEL MOREIRA

Mal cessou a calorosa salva de palmas ao discurso do Sr. presidente Julio Prestes, fez uso

da palavra, para saudar o chefe do Estado de São Paulo e as delegações das outras unidades da Federação e instituições, o Dr. Jeronymo Rangel Moreira, vice-presidente da commissão organizadora da Exposição.

Eis o seu discurso:

DISCURSO DO DR. RANGEL MOREIRA

"Senhores. — Sei que vou infringir as regras do bom gosto, falando-os depois de quem mai occulta, sob a toga severa de magistrado supremo de S. Paulo, as insignias flammejantes de principe da eloquencia brasileira.

Mas, não atireis sobre mim, que bem conheço e perante vós confesso o desprimor da minha expressão verbal, a responsabilidade da culpa de que me vejo revestido. Pertence toda ella aos organisadores deste certamen, a esse grupo de bonissimos amigos meus, que me ordenaram que vos trouxesse, nesta hora festiva do trabalho nacional, a sua saudação mais calorosa e mais fraterna.

Sr. Presidente de S. Paulo: Ao agradecer-vos e aos vossos auxiliares de governo o vosso comparecimento a esta solennidade, quero que me concedaes o direito de affirmar em publico que, se nos encantou a quente approvaçáo dispensada por vós ao plano dos nossos projectos, não nos surpreendeu o apoio franco e ardego de que cercastes os nossos trabalhos preparatorios.

Fostes sempre, Sr. Dr. Julio Prestes, um apaixonado pelas cousas de vossa terra, e esta nada possui que mereça carinhos melhores do que a fecunda planta de Palheta. Sois um nacionalista de horizontes largos, e o café, por ser a fonte maior da prosperidade de S. Paulo, é o perenne veio miraculoso, em que todo o paiz se desaltera.

Srs. representantes da União e dos Estados:

Fizestes muito bem, acceitando o nosso convite.

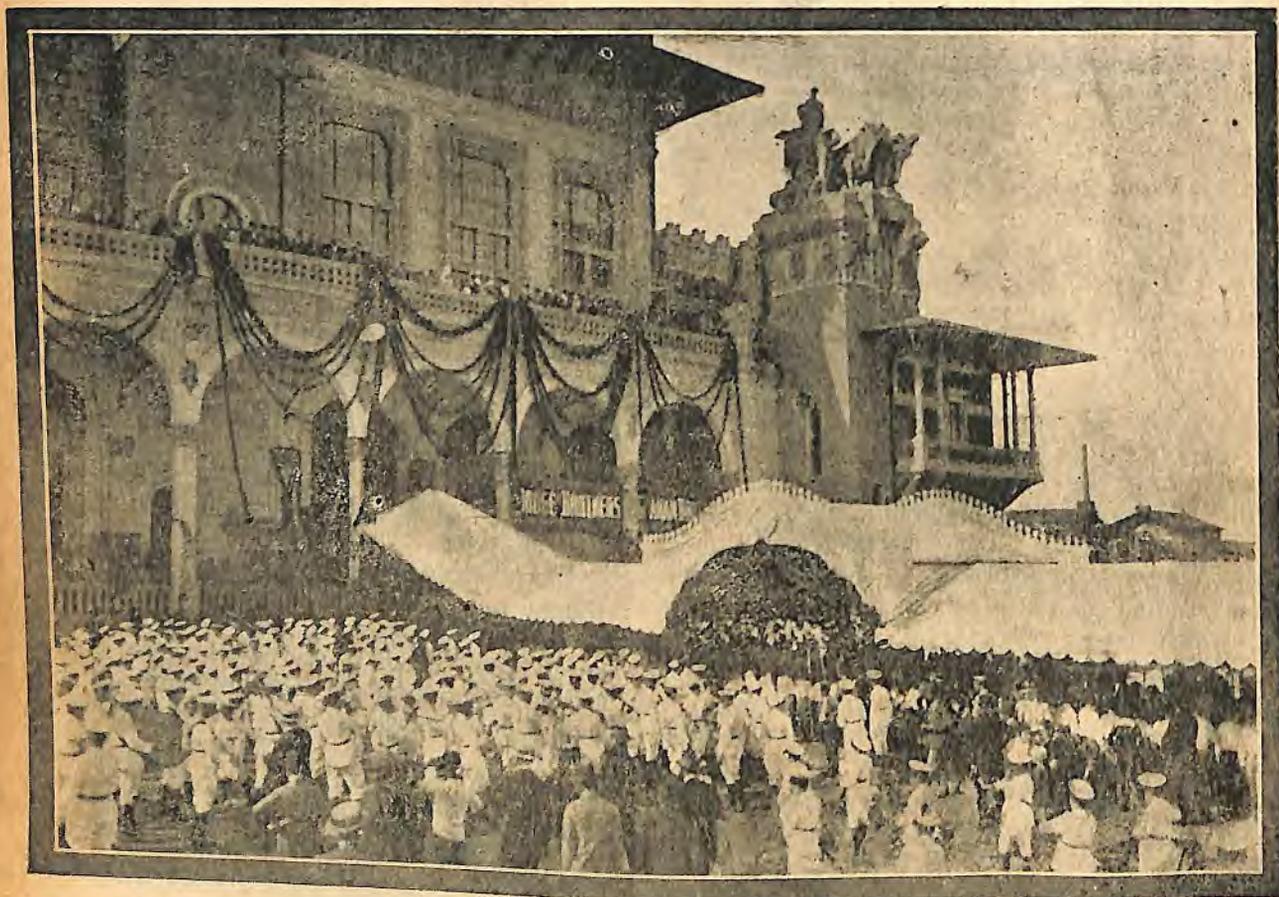
Nós, brasileiros, precisamos conhecer-nos de perto para podermos estimar-nos melhor. Vindo a nós, como viestes, trazendo provas abundantes da operosidade dos vossos Estados, proporcionastes a S. Paulo uma hora de alegria: sente-se elle orgulhoso da capacidade da raça; vê que não peleja sózinho no seio da

União, conta com todos, irmãos diligentes, para a gloria maior da bandeira commum.

Tambem vereis aqui o espirito de fraternidade que nos anima, o sentimento de brasileiro que nos estimula as forças, que nos traça o rumo amplo para os nossos combates de todos os dias.

Se ao brilho da forte expressão politica, que seremos em dias bem proximos, não se perturbar o nosso senso julgador, vereis como se dirá que o Brasil, rumoroso, enorme centro de actividades humanas, é um presente do café.

Vêde um pouco esta incansavel coimeia paulista, que é a visão antecipada do Brasil de



Os alumnos do Lyceu do Sagrado Coração de Jesus que, em numero de 1800, muito abrilhantaram a inauguração da Exposição

Srs. expositores.

Deixae que eu ponha em relevo o acto de justiça que praticastes, adherindo á festa do café.

Formosa e recta lembrança, a vossa, senhoras expositores!

E' em torno delle, do abençoado arbusto prodigo, que gira e que se dilata a vida economica da nossa terra. Será em volta delle, apoiados nelle, que surgirão elementos novos de riqueza nacional.

amanhã! Cidades, chaminés, caminhos de ferro, docas, pastios, arrotéas, amanhos de todos os matizes, tudo oriundo delle, tudo graças a elle, generoso rei emigrado, em cuja presença nascem promessas, surgem esplendores, brotam maravilhas!"

Em seguida, o Sr. presidente do Estado, tendo ao lado o Dr. Feliciano Sodré, e acompanhado por todos os presentes, dirigiu-se para o salão nobre do Palacio das Industrias, afim de instalar o Congresso do Café.

A inauguração do Congresso do Café

Assumindo a presidência da sessão, tendo, à sua esquerda, os Drs. Feliciano Sodré, Rolim Telles e o representante do Sr. presidente da Republica, e, à direita, os drs. Fernando Costa, Oliveira de Barros e Augusto Ramos, o Sr. presidente do Estado declarou installados os trabalhos do Congresso do Café, e deu a palavra ao Sr. Fernando Costa, secretario de Estado da

Falar do café, em São Paulo, é historiar a sua vida economica, é relatar todos os surtos de progresso, que conseguimos em tão rapido espaço de tempo.

Foi, meus senhores, em 1727 que o sargento-mór Francisco de Mello Palheta transportou de Cayenna para o Pará as primeiras sementes e mudas desta preciosa rubiacea, que se exten-



O Sr. Fernando Costa, Secretario da Agricultura de S. Paulo, pronunciando o seu brilhante discurso ao installar-se o Congresso do Café

Agricultura de São Paulo, que pronunciou o seguinte discurso:

DISCURSO DO DR. FERNANDO COSTA

Sr. presidente do Estado.

Meus senhores.

Coube-me a grata incumbencia de falar nesta sessão magna, em que commemoramos o 2º centenario da introdução do café no territorio brasileiro.

Confiado na generosidade deste selecto auditorio, não quiz furtar-me ao desempenho desta missão.

deu depois a diversos Estados do territorio patrio, vindo fixar o seu immenso dominio nas terras paulistas, onde attinge á consideravel cifra de 1.000.000.000 de pés.

Em 1748, o Pará tinha uma cultura de 17 mil cafeeiros e o jesuita João Daniel já affirmava que a sua cultura ia se extendendo, elevando-se a muitas mil arrobas a exportação de café para a Europa.

Cerca de 43 annos mais tarde, a cultura cafeeira sahiu do extremo norte e veio para o Rio de Janeiro. Monsenhor Pizarro affirma que não

excede muito ao anno de 1770 o principio desta cultura no Rio, devido ao zelo e á diligencia de João Alberto Castello Branco.

Da chaçara dos Barbadinhos, á rua denominada Evaristo da Veiga, sahiram as primeiras sementes para a cultura dos cafezaes nos Estados do Rio, Minas e S. Paulo.

Assim formaram-se os primeiros cafezaes na zona denominada norte do Estado.

E dos primeiros cafeeiros introduzidos no municipio de Campinas, as sementes vieram de Jundiahy, dos cafezaes plantados no quintal da residencia do sargento-mór Raymundo Alvares dos Santos Prado.

A facil acclimação, a fertilidade das nossas terras e a relativa facilidade de braços, tudo concorreu para que essa cultura se desenvolvesse prodigiosamente em innumeradas cidades do Estado, enriquecendo-as e creando a prosperidade de que gozamos.

Ao relatar a vida dessa preciosa planta que fixou o homem á terra e creou uma civilização opulenta, eu me recordo de uma palestra entre Buckland e Stephenson ao verem estes passar uma locomotiva que puxava numerosos vagões:

“Quando o monstro de ferro acabava de passar na frente delles, Buckland parou e disse ao seu companheiro:

“Sabeis qual é a força que transporta aquelles pesos enormes?” — Evidentemente, respondeu o engenheiro, é a força do vapor. — Não me percebestes, replicou Buckland: perguntovos donde vem a força do vapor? — Do carvão queimado na fornalha, respondeu Stephenson.

“Vós vos enganaes”, disse Buckland; a força que puxa o comboio é o sol.

Então Buckland, o eminente geologo, explicou ao illustre engenheiro que o carvão de pedra deve a sua origem á accumulção dos grandes vegetaes do antigo mundo e que foi formado graças ao ardor do sol, que abrazara o globo.

Cada atomo de materia vegetal que nascia resultava da acção chimica provocada pela luz do sol.

Essa palestra, meus senhores, que é uma synthese da vida vegetal, faz lembrar a historia da nossa vida economica, quando consideramos o plantio da nossa famosa rubiacea. Cada cidade que surgia em nosso Estado — era consequencia de milhares de cafeeiros plantados.

Como já tive oportunidade de dizer: “Sabeis qual é a força que transporta, com tanta rapidez, a pesada machina dos nossos orçamentos!”

Evidentemente, respondereis, é a contribuição igualitaria de todas as fontes productoras do Estado.

Pois não é, o que sustenta todo o nosso progresso, alenta e dá vida a todas as nossas iniciativas: o que tem operado a transformação do solo paulista, em curto espaço de tempo, é o café, plantado em terras virgens.

Elle tem sido o sol radiante do nosso engrandecimento, a riqueza de nosso paiz e o esteio da nossa situação financeira.

Fez surgir cidades e villas prosperas e formosas; fortaleceu e ampliou a nossa viação ferrea, dilatou o nosso commercio, criou a nossa industria e tornou-se a balança registadora da nossa prosperidade.

O lavrador paulista, aproveitando-se da fertilidade das nossas terras, ricas de humus que os seculos accumularam, substituiu a floresta virgem pela dos cafezaes.

A producção facil e abundante, os preços compensadores foram, dia a dia, criando para a nossa principal lavoura uma situação privilegiada.

E a sua importancia é tão notavel que um distincto patricio perguntou: Qual é o manancial que suppre dois terços da agua com que o povo brasileiro mitiga a sua sede de ouro senão a lavoura do café?

De facto, basta lembrar que em 1925 do total de 4.021.965:000\$ da exportação do Brasil, o café entrou com 2.900.091:831\$000.

Eis delineada, em synthese, meus senhores, a força dessa cultura que surgiu em São Paulo, tomando tal incremento que á sua vida se acham intimamente ligadas todas as nossas riquezas.

A leitura, que vou fazer, de alguns dados estatísticos nos mostra que, na razão directa do crescimento da lavoura cafeeira, foi augmentando a nossa producção industrial, foi crescendo a nossa capital e desenvolvendo-se a nossa via ferrea.

A falta de dados não nos permite acompanhar o evoluir da lavoura cafeeira, em nosso Estado, anterior ao anno de 1850, isto é, ha 77 annos.

Sabemos, porém, que nesse anno a exportação de café não ia além de 82.608 saccas e a receita da Provincia era então apenas de 296:000\$. Tambem, não tinhamos outra industria, senão alguns engenhos de assucar e aguardente e não possuiamos viação ferrea.

Quatro annos depois, a exportação se elevou a 185.000 saccas e, embora fosse augmenta-

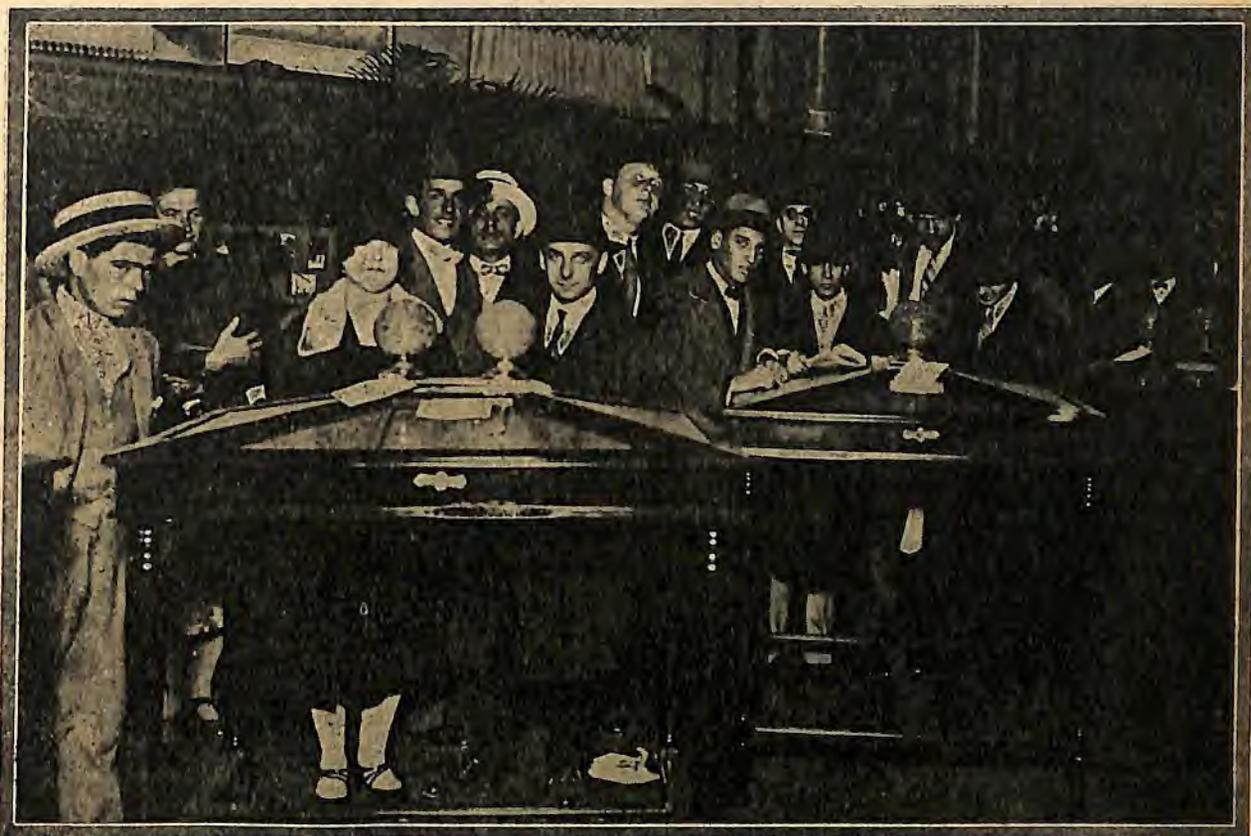
da progressivamente de modo a atingir, em 1860, a 291.626 saccas, São Paulo continuava sem industria e sem estradas de ferro.

Em 1870, ha 57 annos, após a guerra do Paraguay, a exportação era de 502.640 saccas e a receita da Provincia era de 1.605:000\$.

A capital, nesse tempo, tinha uma população de 26.000 almas apenas. Iniciavam-se, porém, a industria de tecidos de algodão e a construção da estrada de ferro ingleza, ligando o planalto ao litoral.

Em 1910, nossas estatisticas accusavam a existencia de 696.791.425 cafeeiros no Estado, com uma produção de 12.124.650 saccas.

Em 1920, após a grande guerra que conflou o mundo, São Paulo contava com 826.644.755 cafeeiros, os quaes, devido ás intemperies, apenas produziram 4.154.700 saccas de café. Todavia, o Estado continuava a trilhar, com celeridade, a estrada do progresso. Sua população crescia e sua receita attingia a 175.678:985\$000.



Um grupo de visitantes

Em 1880, ha 47 annos, portanto, a exportação attingia a 1.125.915 saccas e a receita a 3.768:000\$. Possuimos 1.178 kilometros de via ferrea e algumas fabricas de tecidos de algodão.

Dez annos mais tarde, quando o actual regimen, que transformou o nosso Estado, se iniciava, a exportação era de 1.870.202 saccas, a receita de 23.318:412\$ e a população da capital de 64.930 habitantes.

Em 1900, exportámos para o exterior pelo porto de Santos, 5.742.000 saccas e a receita do Estado foi de 42.651:253\$000.

Nesse anno, contava o Estado 54 fabricas de tecidos de algodão e os principaes productos manufacturados representavam 795.915:200\$.

Hoje os dados estatisticos accusam quasi um bilhão de cafeeiros no Estado, sendo que a superficie occupada com essa cultura representa a elevada cifra de 15.146 kilometros quadrados!

A receita do Estado sobe a 353.270:978\$.

Fez o café, meus senhores, de nosso Estado, um dos importantes centros industriaes da America do Sul. E' que, actualmente, São Paulo conta 64 grandes fabricas de tecidos de algodão, 30

de seda, 22 de lã, 11 de juta e 45 fabricas de malharia. Produzimos hoje em dia 205.915.000 metros de tecidos de algodão, 40.110 de seda, 3.520.029 pares de meias de seda, 11.961.930 de algodão, 86.150.789 metros de tecidos de juta, 428.229 de lã, 7.035.647 pares de calçados e 8.382.561 chapéus.

E, dessa forma, o crescimento da lavoura cafeeira veio trazendo como consequencia o espantoso movimento economico que se opera em São Paulo, dando uma porcentagem de produção, para cada um de seus filhos, no valor de 698\$, cifra equivalente á dos paizes mais produtores do mundo.

Se esse espantoso desenvolvimento trouxe como consequencia o accumulo das riquezas de que gozamos, trouxe tambem o empobrecimento da immensa area cultural, explorada no plantio dessa famosa rubiacea.

Precisamos frisar que, annualmente, exportamos um producto denominado café, composto de quatro elementos fertilisantes — potassio, azoto, phosphoro e cal e que numa exportação de 12.000.000 de saccoes, esses elementos estão na seguinte relação: superphosphato 18 % 22.103 toneladas, salitre 15 % 24.264 toneladas, saes potassicos 50 % 41.436 toneladas, calcareo 3.470 toneladas.

Portanto, meus senhores, a nossa riqueza se formou sem preocupações scientificas, derrubando matas e explorando elementos fertilizantes que os seculos accumularam, descureando a terra, que se esgota com culturas successivas.

Uma nova existencia, uma nova orientação pede a lavoura antiga.

Precisamos criar novas riquezas. São Paulo tem na sua industria manufactureira fontes inesgotaveis de riquezas latentes, que precisam ser convenientemente accionadas.

De multiplos e graves problemas ainda por solucionar depende o nosso engrandecimento.

São questões de fomento agricola, problemas de viação, de zootechnia, de colonização, do ensino rural e tantos outros cuja enumeração seria fastidiosa.

Dando um balanço em todas as fontes productoras do Estado, chegamos á conclusão de que São Paulo mantém uma situação privilegiada, uma situação de maxima prosperidade em todos os ramos de actividade humana, mas é preciso que essa riqueza se conserve, que essa energia não esmoreça.

Para isso mistér se faz encarar a exploração do nosso sólo pelo lado scientifico e então ficaremos bem convencidos de que só amparando a produção agricola é que poderemos levantar bem alto o pedestal da nossa situação economica.

Ao commemorarmos, hoje, o 2º centenario da introdução do café no Brasil, seja essa a nossa principal prooccupação, e que das discussões das variadas theses apresentadas neste Congresso, hoje installado, surjam ensinamentos proficuos, orientadores da nova directriz que devemos seguir para manter a nossa riqueza e assim caminhar para um porvir ainda mais risonho, fazendo a felicidade de São Paulo e a grandeza do Brasil."

Terminado o muito applaudido discurso do Sr. secretario da Agricultura, foi encerrada a sessão, depois de uma brilhante allocução do Dr. Menotti del Pichia, e servido "Champagne" e doces finos.

Deixando o salão nobre do Palacio, o Sr. presidente do Estado, e comitiva, percorreu, demoradamente, todas as secções da Exposição, inaugurando-as.

A grande exposição, em seu interior

As secções dos Estados cafeeiros. — Estado do Rio. — A representação do Estado do Rio está no numero das exhibições, do que se refere ao café, mais bem organizadas, com melhor gosto e attractivos. O mobiliario sobrio, porém, artistico, compõe-se de vitrinas onde se vêem variadissimos typos de café. Pelas paredes, grande numero de vistas de fazendas e de cafezaes, quadros estatísticos e demonstrativos, tudo despertando verdadeiro interesse. Em um bar elegante, é servido café, em chicaras, producto da terra fluminense. Uma orchestra attra-

he e distrahe os visitantes do vasto, bem illuminado e arejado pavilhão onde o Estado do Rio exhibe sua bella e farta contribuição.

Estado de Minas Geraes. — A secção do Estado de Minas occupa uma enorme área do pavimento superior do Palacio das Industrias. O salão de recepção é ricamente mobiliado e garnecido de tapeçarias e cortinas finissimas, denotando um apurado gosto. Ahí, á disposição do publico, encontra-se um grande e bello album de nitidas photographias da cidade de Belo Horizonte e de trechos do Estado de Minas,

comprovando o pujante progresso actual d'essa historica e hospitaleira terra.

Em uma sala contigua, estendem-se os mostruários de variadissimos typos de café mineiro, e, aqui e ali, elegantes montras com exemplares de pedras preciosas, trabalhos de ourivesaria em côco, tecidos de Juiz de Fôra. Em um dos extremos da sala, levanta-se um monumento demonstrativo da extracção do ouro nas mi-

onde se dispõem amostras de productos lactici-nios, aguas mineraes, chá de Ouro Fino, derivados chimicos extrahidos de uma especie florestal, taes como: acido acetico, formaldechydo, ether sulphurico, acido chlorhydrico, agua oxygenada, e até lança-perfume para carnaval com a particularidade original do seu ether não ser caustico para a cutis.

Ha, ainda, uma pequena exhibição da in-



As elegantes jovens fluminenses que serviram o café aos visitantes

nas de Morro Velho. Pelas paredes, graphics e quadros estatisticos, interessantes e educativos; quadros muraes, dos museus escolares do Estado, mostrando uma variedade interminavel de madeiras de lei nativas, com tres faces para cada especie: a face com a casca, ao natural, a face da madeira aparelhada, e a da peça polida, acabada. Ha, tambem, boas photographias e publicações da legendaria Escola de Minas de Ouro Preto.

Sahindo d'essa sala, abre-se um pateo externo, mobiliado á guisa de bar, para descanso de visitantes e serviço de café e aguas mineraes, do Estado.

Este pateo dá acesso a uma sala menor,

dustria do ferro, desde o minerio até o material beneficiado.

Como se vê, o Estado de Minas Geraes está condignamente representado, com uma eloquente affirmacção do seu extraordinario progresso.

Estado do Espirito Santo. — A contribuiçao do Estado do Espirito Santo é, tambem, e sem favor, magnifica. Occupando um longo salão, em continuacção, pela ordem, ao do de Minas, as vitrinas estão artisticamente arrumadas com amostras de typos de café, cacáo, madeiras, fructas, oleaginosos, especies animaes, etc. Affixadas ás paredes, multiplicam-se as figuras estatisticas e demonstrativas do ubertoso solo

espiritosa. E', em summa, uma excellente exhibição.

Estado da Bahia. — Fica situado em um pavilhão do pavimento terreo do Palacio das Industrias, em seguimento ao do Estado do Rio. Ahi, alinham-se, em ordem, os mostruarios de café, de fumo, de cacau, de fructas, de oleagíneos, de minerios importantes, como os de phos-

phato; fibras, especie de animaes interessantes, etc., etc. O Estado da Bahia têm, nessa representação, uma documentação farta das suas fabulosas riquezas naturaes.

Estão, ainda, representados, na Exposição, os Estados do Paraná, Pernambuco, Santa Catharina e Goyaz.

Lista geral dos expositores

PAVIMENTO BAIXO:

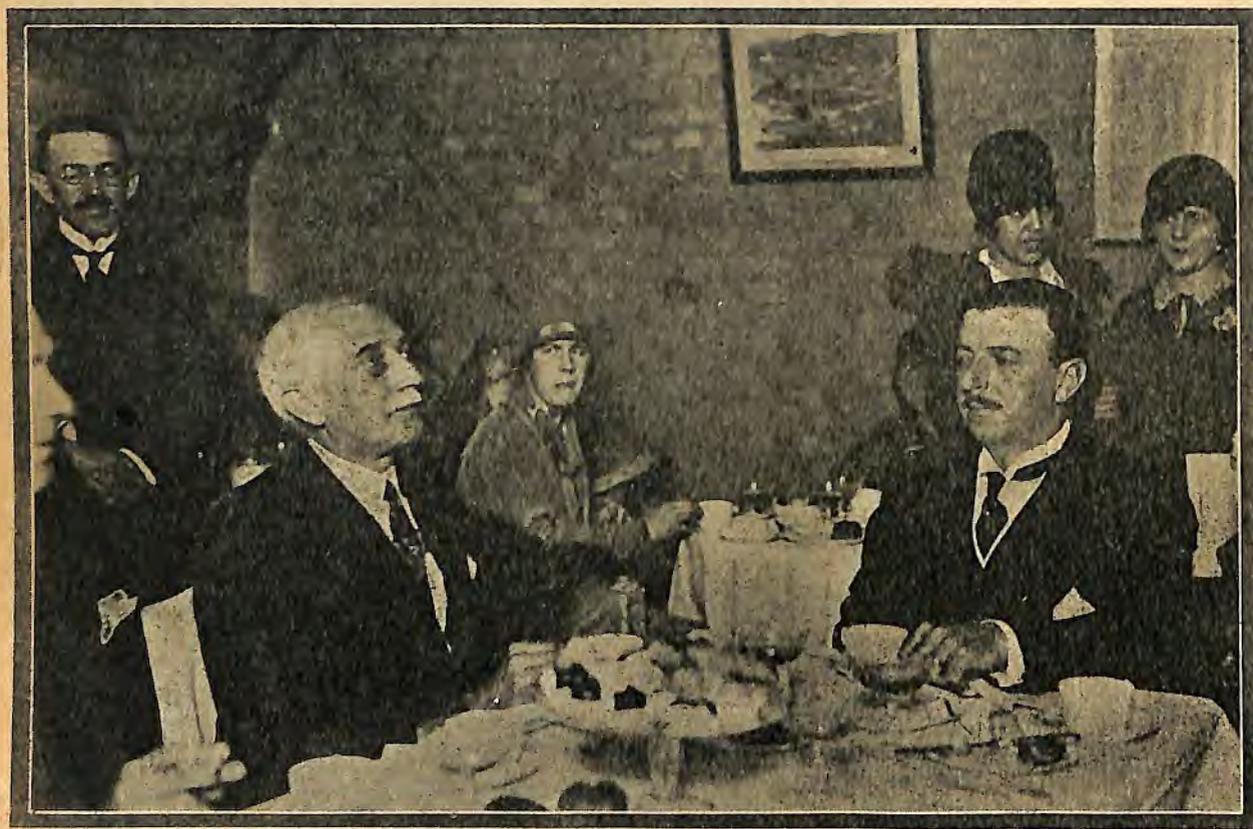
PATEO DA ENTRADA

COMP. TELEPHONICA BRASILEIRA —
Exposição de material telephónico — Demons-

SALÃO CENTRAL

MAQUETTE DA FAZENDA ITAQUERE' —

Propriedade do Sr. Carlos Leoncio de Magalhães.



Os dres. Julio Prestes, presidente de S. Paulo e Antonio Carlos, Presidente de Minas Geraes, no Restaurant da Exposição

tração do funcionamento de telephones automaticos — Como se emenda um cabo telephónico de 1212 pares de fios.

ANTUNES DOS SANTOS & C. — Caminhões "Graham Brothers" — Automoveis "Dodge Brothers" — Rua Barão de Itapetininga, 39 — São Paulo.

BANCO DO BRASIL — Rua Alvares Penteado, 24 — São Paulo.

BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA — Rua 15 de Novembro, 47 — São Paulo.

BANCO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO — Rua 15 de Novembro, 49 — S. Paulo.

BANCO DE CREDITO DO ESTADO DE S. PAULO — Rua da vitanda, 6 — São Paulo.

COM. PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO.

ESTRADA DE FERRO ARARAQUARA.

DR. J. RANGEL MOREIRA — Quadro da fazenda Lydiana e mostruários.

COMP. CASTELLÕES — Fumos e cigarros — Rua de São Bento, 30 — São Paulo.

dres — Rua João Antonio Oliveira, 197 — São Paulo.

ALVES AZEVEDO & C. — Aguas mineraes e manteiga — Rua Washington Luis, 14 — São Paulo.

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE LAPIS E TINTAS — Lapis e tintas — Rua José Bonifácio, 28, sob. — São Paulo.



O Sr. Antonio Carlos, presidente de Minas, percorre, interessado, a Exposição

RAPHAEL CASTRO — Photographias artisticas — Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 172 — São Paulo.

FLEICHER LAJOS — Objectos artisticos de madeiras nacionaes.

CAFE' E BAR BRASSERIE PAULISTA — Praça Antonio Prado, 3 — São Paulo.

SALA A

A. SILVESTRI — Machina para café expresso "Condor" — Rua do Carmo, 31 — São Paulo.

COMP. METALGRAPHICA PAULISTA — Lithographia e estamparia sobre folhas de Flan-

TERRAÇO

ESTADO DE MINAS GERAES

PAVIMENTO SUPERIOR:

SALÃO B

THEODOR WILLE & C. — Adubos — Rua Libero Badaró, 146 — São Paulo.

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUCTORES DE SALITRE DO CHILE — Adubos — Rua Libero Badaró, 146 — São Paulo.

AMARAL CESAR E C. LTD. — (AUTO IDEAL) — Apparelhos de radio-telephonia — Avenida São João, 24 — São Paulo.

STANDARD OIL COMP. OF BRASIL — Productos chimicos — Rua Alvares Penteado, 25 — São Paulo.

KALKMANN IRMÃOS & PETERS, LTD. —
Productos chimicos — Rua das Flores, 42 — S.
Paulo.

FERNANDO HACKRADT & C. — Adubos
para lavoura — Rua São Bento, 33 — S. Paulo.

ADUBOS FORTUNA, LTD. — Productos
chimicos — Rua da Boa Vista, 21, sob. — São
Paulo.

DIERBERGER & C. — Adubos e sementes
— Rua 15 de Novembro, 59 — São Paulo.

THE NATIONAL CITY BANK OF NEW-
YORK — Rua Alvares Pentead, 15 — S. Paulo.

SALÃO F

ESTADO DO ESPIRITO SANTO
PAVIMENTO BAIXO:

SALÃO G

MAQUETTE DA SERRA DE SANTOS —
The São Paulo Railway C., Ltd.



Um aspecto da Exposição

SALÕES C-D-E

ESTADO DE MINAS GERAES

TERRAÇO

RESTAURANT BRASSERIE PAULISTA

SALÃO NOBRE

CONGRESSO — FESTAS — CINEMATO-

GRAPHO

BANCO HYPOTHECARIO E AGRICOLA DE
MINAS GERAES — Rua da Quitanda, 12 — São
Paulo.

CASA PRATT — Machinas para escrever,
calculadores, etc. — Praça da Sé, 16 — São
Paulo.

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO — Rua
15 de Novembro, 41 — São Paulo.

THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT &
POWER CO. LTD.

THE ROYAL BANK OF CANADA' — Rua
15 de Novembro, 38 — São Paulo.

COMPANHIA DOCAS DE SANTOS.

SALÃO H

BANCA FRANCESE E ITALIANA PER L'A-
MERICA DEL SUD — Rua 15 de Novembro, 31
— São Paulo.

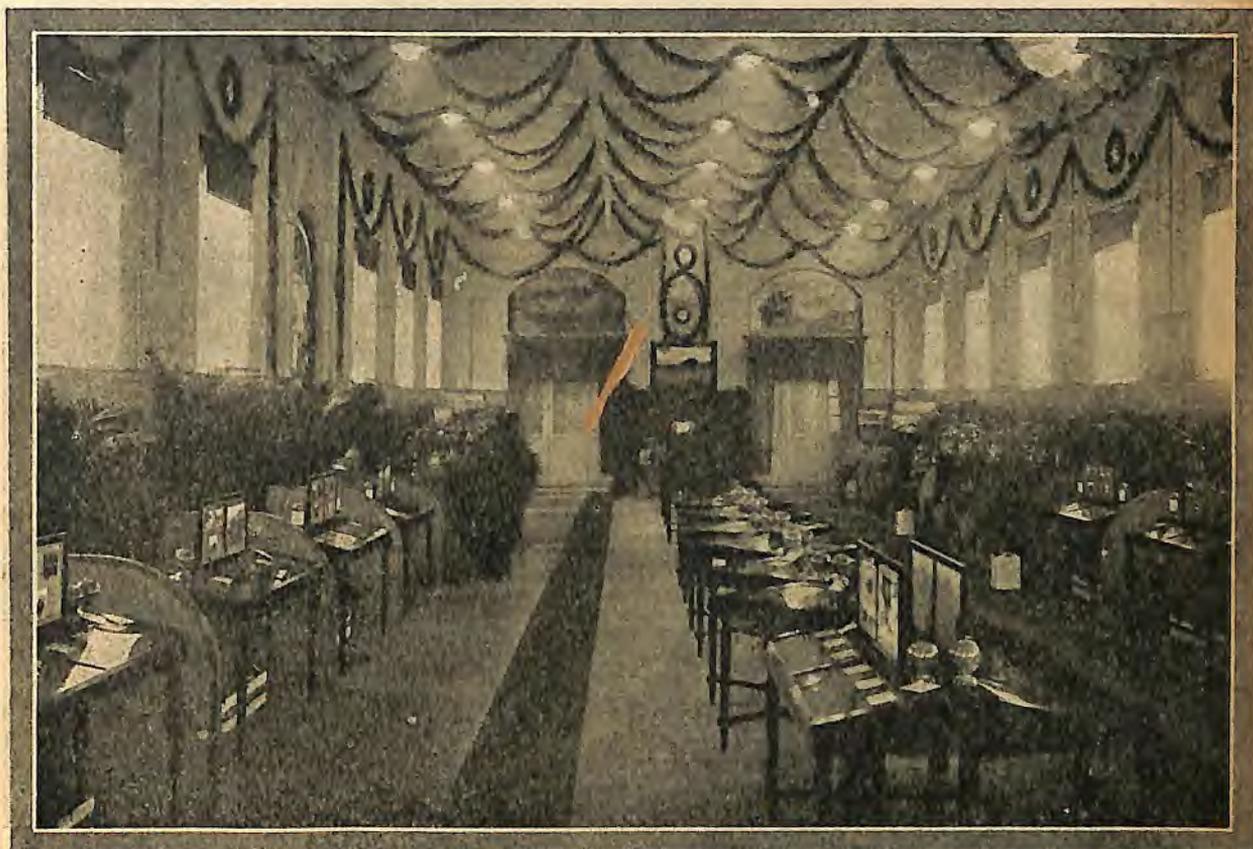
COMPANHIA MANUFACTORA DE BOMBAS DE FUMAÇA — Productos chimicos — Rua Direita, 8-A — São Paulo.

CASA PRATT — Artigos para fazendas — Praça da Sé, 16 — São Paulo.

A. ENGEL & C. — Correias — Rua do Triunpho, 23 — São Paulo.

PIRIE, VILLARES & C. — Geladeiras electricas “Frigidaire” — Praça da Republica, 5 — São Paulo.

FALCHI, PAPINI & C. — Fabrica de chocolates — Rua Libero Badaró, 70 — São Paulo. — Demonstração pratica da criação do bicho de seda — Campinas.



Outro interessante aspecto do certamen

SOC. PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ — Adubos — Rua de São Bento, 83-A — São Paulo.

COMPANHIA MOGYANA DE ESTRADA DE FERRO.

S. ELECTRO EXPRESS LTD. — Machinas para o café expresso “Unica” — Rua Maria Marcolina, 16 — São Paulo.

S. A. INDUSTRIAS DE SEDA NACIONAL CHACARAS E QUINTAES — Publicações agricolas — Rua da Assembléa, 18 — São Paulo.

PROPRIEDADE AGRICOLA DO CEL. JOAQUIM DA CUNHA BUENO — Quadro — Buenopolis.

JOHNSON-LINE — Graphics sobre a exportação do café para a Suecia — Praça da Republica, 22 — Santos.

ALMEIDA LAND & C. — Tintas — Rua Florencio de Abreu, 37-39 — São Paulo.

PIERI & BELLI — Vinhos, azeites, etc. — Rua Libero Badaró, 163 — São Paulo.

FABRICA NACIONAL DE CARTUCHOS E MUNIÇÕES — Cartuchos para armas de caça, espoletas e polvora sem fumaça “Diamond” — Rua Formosa, 18 — São Paulo.

METALLURGICA MATARAZZO — Artigos de alluminio — Rua Carneiro Leão, 147 — São Paulo.

SOCIETE’ SUCRERIE BRÉSILIEENNE — Amostras de assucar — Rua de São Bento, 25 — São Paulo.

BROMBERG & C. — Machinas para todas as industrias e lavouras — Rua Florencio de Abreu, 77 — São Paulo.

E. ARNOLDI — Productos pharmaceuticos "Bisleri" contra a maleita — Travessa do Commercio, 9 — São Paulo.

POLYCARPO GONÇALVES & C. — Sementes — Rua Müller, 188-188-A — São Paulo.

JULIO CONCEIÇÃO — Artigos para café — Rua do Commercio, 52 — Santos.

O. R. DIAS — Artigos para café — Largo do Patriarcha, 12 — São Paulo.

FRANCISCO MARTINS SIQUEIRA — Machinas para beneficiamento de café — Lua Lopes Chaves, 37 — São Paulo.

PASCHOAL CARUSO & C. — Artigos sanitarios — Rua Florencio de Abreu, 83-B — São



Mostruários de café

PROPRIEDADES AGRICOLAS DO CEL. GEREMIA LUNARDELLI — Olympia, Catanduva e Araçatuba (Quadro).

S. A. CASAS REUNIDAS AMBRUST-LAPORT — Armas e munições para caça — Largo de São Bento, 12 — São Paulo.

CIA. NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA — Tecidos de juta e de algodão — Saccaria para transporte e exportação de café, cereaes, cacão, etc. Encerados lençoes para terreiros de café. — Travessa do Commercio, 9 — S. Paulo.

PATEO INTERNO

GENERAL ELECTRIC S. A. — Material electrico em geral — Geladeiras electricas — Motores, transformadores, para-raios, fogões electricos, etc. — Rua Florencio de Abreu, 52-A — São Paulo.

Paulo.

ALEXANDRE WAINSTEIN — Apparelhos "Osmos" — Rua José Bonifacio, 45-A — São Paulo.

ROSELIUS (KAFFÉE KANDEL A. G.) — Typos de café — Bremen (Allemanha).

COMP. S. K. F. DO BRASIL — Rolamentos — Rua Libero Badaró, 127 — São Paulo.

B. PENTEADO & C. — Machinas em geral para beneficiamento de café — Limeira.

ERNESTO COCITO & C. — Machinas para café, torradores, etc. — Rua do Carmo, 11 — São Paulo.

ANTONIO BARDELLA — Fundição geral e officina mechanica — Rua Florencio de Abreu, 118-A — São Paulo.

SERAPHIM BLASI & C. — Machinas para beneficiar café — Botucatu'.

CIA. LIDGERWOOD DO BRASIL — Machinas para lavoura — Rua Florencio de Abreu, 112 — São Paulo.

THEODOR WILLE & C. — Machinas agricolas — Rua Libero Badaró, 146 — São Paulo.

EDWARD ELIWEL & C. LTD. — Enxadas — Wednesburg — Inglaterra.

EMPRESA FORMICIDA BATAILLARD — Formicidas — Rua Florencio de Abreu, 115 — São Paulo.

E. A. ARNOLD — Pulverizados e diversos — Caixa Postal, 2.363 — São Paulo.

FABRICA HELIOS LTD. SUCC. — Papeis carbonios e chimicos de todas as qualidades. Fitas para machinas de escrever. — Ladeira Santa Ephigenia, 9 — São Paulo.



Café secco e amontoado no terreiro

SOCIEDADE DINAMARQUEZA, LTD. — Machinas e aparelhos para lacticinios — Rua Florencio de Abreu, 82 — São Paulo.

JOHNSON-LINE AGENCIES — Bombas para irrigação — Impermeabilisantes para terreiros de café — Madeiras suecas — Praça da Republica, 22 — Santos.

BARROS, MEIRA & C. — Artigos sanitarios — Rua Libero Badaró, 169 — São Paulo.

MARTINS, BARROS & C., LTD. — Machinas para todas as lavouras — Rua Florencio de Abreu, 23 — São Paulo.

SAUVICIDA AGAPEAMA, LTD. — Formicidas para a lavoura — Rua Alvares Penteado, 39 — São Paulo.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE SANTOS GONÇALVES, SALLES & C. — Lacticinios. — Rua Libero Badaró, 19-B — São Paulo.

SOCIEDADE COMMERCIAL "SALUS", LTD. — Esterilizadores, filtros "Salus" e installações de encanamentos de agua em geral. — Rua Libero Badaró, 12 — São Paulo.

COMP. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO — Machinas para lavoura cafeeira — Rua da Boa Vista, 1 e 3 — São Paulo.

COMPANHIA BRASILEIRA DE METALLURGIA — Tubos "Arens" de ferro fundido — Fabrica e escriptorio: Indianopolis — São Paulo.

SALÃO I

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SALÃO J

Representações officiaes e Municipios do Estado de São Paulo

SALÕES K-L

ESTADO DA BAHIA

GENERAL MOTORS OF BRASIL S. A. — Caminhões — Avenida Presidente Wilson, 201 — São Paulo.

SANDOVAL & C. — Aguas mineraes — Rua Florencio de Abreu, 145 — São Paulo.

ZERRENNER, BULOW & C., LTD. — Machinas para fabricar gelo e outras — Rua de São Bento, 81 — São Paulo.

LIMA & JORGE — Pavimentação em asphalto — Rua de São Bento, 20, 2° — São Paulo.

MARTIN & IRMÃO — Aquecedores e diversos — Rua Libero Badaró, 146, 3° — São Paulo.

GAZOGENIUS C. G. E. — Uzina Queiroz Junior, Ltd. — Esperança — Minas Geraes.



Apanhando e catando café — Fazenda Boa Vista — S. Paulo

AREA EXTERNA:

SOCIÉDADA INDUSTRIAL E COMMERCIAL "SUISSA" — Caminhões "Saurer" e dynamos — Rua Florencio de Abreu, 148 — São Paulo.

THE SÃO PAULO GAZ CO., LTD. — Demonstrações praticas das inegalaveis vantagens da applicação do pixe nos terreiros para seccar café — Rua do Carmo, 3 — São Paulo.

THEODOR WILLE & C. — Balanças para estradas de ferro, gado, automaticas para café e todas demais peças — Rua Libero Badaró, 146 — São Paulo.

COMP. MACHINAS SOUZA — Machinas para beneficiamento de café — Rua Conselheiro Nebias, 72 — São Paulo.

COMPANHIA LIDGERWOOD DO BRASIL — Moinho de vento — Rua Florencio de Abreu, 112 — São Paulo.

INTERNATIONAL MACHINERY Cº. — Tractores — Rua Florencio de Abreu, 152 — São Paulo.

LAUDISIO & C. — Apparelhos Peerles para cortar vidros — Rua Boa Vista, 23 — São Paulo.

ISNARD & C. — Lonas — Rua Barão de Itapetininga, 67-69 — São Paulo.

ARMCO INTERNATIONAL CORPORATION — Boeiros — Praça da Sé, 53 — São Paulo.

COMP. ANTARCTICA PAULISTA — Cervejas, bebidas sem alcool e licores — Avenida Presidente Wilson, 26 — São Paulo.

FORD MOTORS EXPORT INC. — Tractores — Rua Solon, 12 — São Paulo.

**DIVERSÕES DA GRANDE EXPOSIÇÃO DE
CAFE'**

*O Glorioso e colossal hydro-avião
"JAHU"*

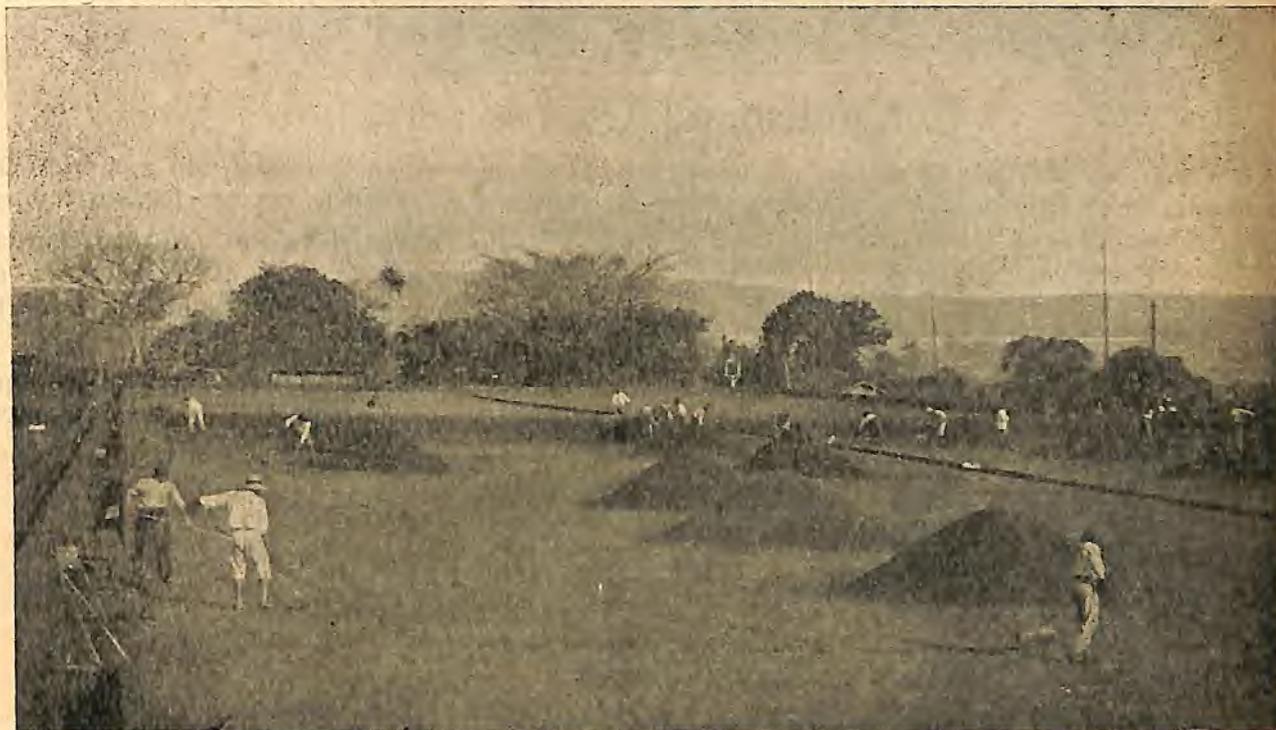
em grande pavilhão, será franqueado á visita
do publico

**REPRODUCCÃO EM MINIATURA DE UMA FA-
ZENDA MODELO**

Orchestra de damas brasileiras — Banda mili-
tar — Concertos symponicos
SERVIÇO DE BAR E RESTAURANT
ILLUMINAÇÃO FEÉRICA

Hymno ao café

Com agrado geral, a banda e o corpo coral
do Lyceu do Sagrado Coração de Jesus executa-



2 e

Amontôa do café secco, nos terreiros

SERRA DE SANTOS — com o movimento
dos trens da São Paulo Railway (Maquette).

ESTRACÇÃO DO OURO — Demonstração
de como se effectua a extracção do ouro das
minas de Morro Velho (Est. de Minas Geraes).

A CASA PEQUENINA — da Liga das senho-
ras Catholicas — Grandes surpresas — Musica
regional, cantos e bailes.

SERPENTUARIO DO BUTANTAN — com
os specimens de todas as cobras do Brasil —
Lucta da mussurama com cobras venenosas.

**PAVILHÃO COM FÉRAS DAS FLORESTAS
BRASILEIRAS**

**CINEMATOGAPHOS NO SALÃO NOBRE E AO
AR LIVRE**

TIRO AO ALVO

FOGOS DE ARTIFICIOS

ram diversas peças, por occasião da solemnida-
de da inauguração da Grande Exposição, d'en-
tre as quaes releva destacar o "HYMNO AO
CAFE'", cuja letra é a seguinte:

A floresta

Vae recuando:

Avança e investe-a

Rijo o bando

Dos novos bandeirantes,

Que plasman triumphantes,

Forte e viril,

Novo Brasil.

Lombadas, morros, serras,

De verde toucam-se

E de encarnado...

Assim, paulistas terras,
Sois visão magica
De um El-Dorado!

A floresta,
Além recua...
E logo veste a
Terra nua,

A chlámyde rubiacea,
Tecida pela audacia

De mãos de heróes
Fulgindo aos sóes.

Oh! successão intermina
De pautados cafezaes!
Verdes folhas colossaes
Da epopeia do labor!

Cantai, num epinício,
A gentil verde beleza
Deste arbusto, que é riqueza,
Força e "fulcro do Brasil".

O Congresso do Café e seus fins

O Congresso do Café se destina ao estudo das questões que interessem á produção cafeeira do Brasil, não só quanto á parte agricola propriamente, como, tambem, aos assumptos relativos ao credito agricola, ao commercio de café, á colonização e á hygiene rural.

As commissões são em numero de cinco, a saber: Agricultura, Credito Agricola, Commercio, Colonização e Hygiene rural. Compõem-se

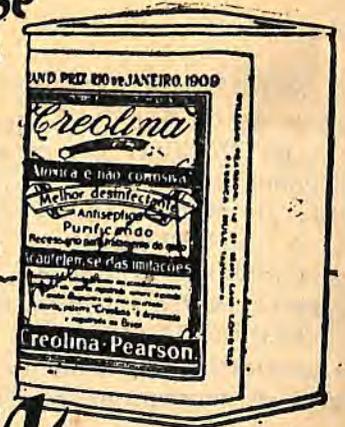
de seis membros, cada uma, sendo escolhido um presidente e os relatores necessarios aos themes.

A estas commissões, foram distribuidas, pela mesa do Congresso, as diversas theses referentes aos themes a serem estudados e já elaborados pelas secções competentes.

As sessões ordinarias, do Congresso, que são, tambem, plenarias, realizam-se ás 20 horas

GADO FORTE e

imunizado
de todas as
pragas
consegue-se
com
a



Creolina Pearson

dos dias estabelecidos, dividindo-se em duas partes:

1º — Expediente — 2º — Ordem do dia.

A ordem do dia das sessões ordinarias será affixada de vespera e obedecerá ás seguintes regras:

a) — Será discutido thema a thema, na ordem previamente annunciada;

g) — Encerrada a discussão será votado symbolicamente o parecer do relator;

Qualquer autor de these poderá pedir preferencia, que o Congresso dará ou não, para votação de suas conclusões, substituindo as do parecer do relator. Esse pedido poderá ser discutido sómente 10 minutos pelo relator e deverá ser enviado por escripto á mesa.

O expediente além da leitura da correspon-



Apanha do café com escadas de tres pés

b) — A discussão de cada thema, será dada a cada autor de these, que terá 20 minutos para sua leitura;

c) — Após a leitura da these, o relator do thema terá 10 minutos para apresentar o seu parecer;

d) — Aberta em seguida a discussão, cada congressista não autor da these poderá falar uma vez, no maximo 10 minutos;

e) — Cada autor de these poderá falar uma vez, no maximo 10 minutos;

f) — O relator poderá falar, encerrando a discussão, no maximo 10 minutos;

g) — A discussão de cada thema, será dada a cada autor de these, que terá 20 minutos para sua leitura; se destina á apresentação de moções sobre qualquer assumpto urgente, que poderão ser recusadas pela mesa, quando se desviem dos fins do Congresso. No expediente (em discussão de um mesmo assumpto) nenhum congressista poderá falar mais de uma vez e por mais de 5 minutos.

Não serão permittidas, no Congresso, discussões de caracter politico ou de interesse individual.

As sessões solemnes destinadas a conferencias, serão previamente marcadas, podendo ser assistidas por pessoas estranhas ao Congresso,

e serão presididas por um dos delegados dos outros Estados. Nellas só se fará a conferencia annunciada, que não será discutida.

A mesa poderá convocar sessões extraordinarias com bastante antecedencia.

A sessão de encerramento será presidida pela mais alta autoridade presente. Falarão o

Sr. Dr. Mario Rolim Telles, presidente do Instituto de Café; o Dr. Augusto Ramos, pela Comissão Executiva e um dos outros representantes de Estados cafeeiros.

A mesa do Congresso será composta de um presidente, dois vice-presidentes e dois secretarios.

A delegação da Sociedade Nacional de Agricultura

A DELEGAÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL AGRICULTURA

A Sociedade Nacional de Agricultura, adherindo à commemoração do bi-centenario do café, designou uma commissão especial para

Outubro, á excepção do Dr. Augusto Ramos, que, já ali, se achava.

AS COMISSÕES DA COMMEMORAÇÃO DO 2º CENTENARIO DA INTRODUCCÃO DO CAFEIRO NO BRASIL



Lavagem do café

represental-a no Congresso e na Exposição do Café.

A delegação da Sociedade ficou assim constituida: deputado federal Dr. Ildefonso Simões Lopes, presidente da Sociedade; Dr. Augusto Ramos, vice-presidente; Dr. Julio Eduardo da Silva Araujo, thesoureiro, e Prof. Dr. Thomaz Coelho Filho, consultor tecnico e redactor de "A Lavoura".

Essa delegação embarcou para São Paulo ás 7.10 da manhã, pelo Rapido, do dia 11 de

Membros honorarios

PRESIDENTES DE HONRA:

PRESIDENTE DA REPUBLICA
PRESIDENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO
MINISTRO DA AGRICULTURA
SECRETARIO DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIO DA FAZENDA E PRESIDENTE DO INSTITUTO DE CAFE' DO ESTADO DE SÃO PAULO

PREFEITO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

VICE-PRESIDENTES DE HONRA:

Dr. Arthur Torres filho, Director do FOMENTO AGRICOLA.

Dr. Arthur Neiva, da COMISSÃO DEBELADORA DA PRAGA DO CAFE'.

Presidente da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA.

Sr. Vicente de Almeida Prado Netto, representante da LIGA AGRICOLA BRASILEIRA.

Dr. Ariosto do Amaral, representante da LIGA AGRICOLA BRASILEIRA.

Dr. Jorge Dumont Villares, representante da SOCIEDADE PAULISTA DE AGRICULTURA.

Dr. Alberto Cintra, representante da ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE SANTOS.



Espalha do café para secagem

Director de AGRICULTURA DO ESTADO DE S. PAULO.

COMISSÃO CENTRAL ORGANIZADORA

Dr. Augusto Ferreira Ramos, PRESIDENTE.

Dr. Jeronymo Rangel Moreira, VICE-PRESIDENTE.

Dr. Lourenço Granato, CONSULTOR.

Coronel Arthur Driederich, SECRETARIO GERAL E TESOUREIRO.

Dr. Rogerio de Camargo, 1º SECRETARIO.

Dr. Alvaro Pompeu de Toledo, 2º SECRETARIO.

MEMBROS DA COMISSÃO CENTRAL

Dr. Francisco Ferreira Ramos.

Dr. Antonio Carlos de Assumpção.

Dr. Anezio do Amaral, representante da LIGA AGRICOLA BRASILEIRA.

Dr. Alberto de Oliveira Coutinho, representante do INSTITUTO DE ENGENHARIA.

Prof. José Malhado Filho, representante da SOCIEDADE DE PHARMACIA E CHIMICA DE SÃO PAULO.

Sr. Francisco Maffei, representante da SOCIEDADE DE CHIMICA DE SÃO PAULO.

Dr. Clovis Soares Camargo, representante da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA.

Dr. Figueira de Mello, representante da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA.

Prof. João Baptista da Rocha.

Dr. Mario Maldonado.

Dr. Carvalho Barbosa.

Prof. Dr. Carlos Mendes.

Dr. Theodureto de Camargo.

Dr. Paulo Lima Corrêa.

Dr. Joaquim Bertino de Carvalho.

Dr. Octavio de Brito Alvarenga.
Dr. Eugenio Lindenberg.
Prof. Dr. Mello Moraes.
Dr. Marcello Piza.
Sr. Luigi Melai, representante da CAMERA ITALIANA DI COMMERCIO DE SÃO PAULO.
Dr. Jacques Arié.
Dr. Leopoldo Ferreira Nunes.
Dr. Ernesto Six.

Dr. Augusto Mario Teixeira de Freitas, representante do ESTADO DE MINAS.

COMMISSÕES PARCIAES

MEMBROS DA COMMISSÃO ANGARIADORA DE DONATIVOS: — Sr. Osorio Junqueira — Major Barbosa Ferraz Jr. — Cel. Joaquim da Cintra — Dr. Antonio M. Alves Lima — Dr. Alberto Cintra — Cel. Joaquim Piza — Sr. Luiz



Varredura do café, secco, no terreiro, vendo-se ao fundo, a casa de beneficiamento — Fazenda Boavista — S. Paulo

Engenheiro Mario Silvio Polacco.
Major Barbosa Ferraz.
Dr. Oscar Marcondes.
Prof. Dr. Jean Michel.
Dr. Creso Braga, representante do ESTADO DO RIO.
Dr. Fernando de Barros Franco, representante do ESTADO DO RIO.
Dr. Joaquim David Ferreira Lima, representante do ESTADO DE SANTA CATHARINA.
Dr. Gratulino Mello, representante do ESTADO DA BAHIA.
Dr. Ribeiro Junqueira, representante do ESTADO DE MINAS.
Dr. Waldomiro Magalhães, representante do ESTADO DE MINAS.

Suplicy — Sr. Otto Uebeln — Dr. Marcello Piza — Dr. Afrodísio Sampaio Coelho — Sr. Carlos Leoncio de Magalhães — Dr. Anezio do Amaral — Dr. Henrique de Souza Queiroz — Dr. André Betim Paes Leme — Senador Amaral Carvalho — Sr. Vicente de Almeida Prado Netto — Sr. Arlindo Furquim de Almeida — Dr. Horacio Sabino — Prefeituras Municipaes de São Paulo.

SECÇÕES DO CONGRESSO DO CAFE'

SECÇÃO DE AGRICULTURA: — Dr. Theodoreto de Camargo, Dr. José de Mello Moraes, Dr. Carlos Mendes e Dr. Jean Michel.

SECÇÃO DE COLONISAÇÃO: — Dr. Anezio de Amaral, Dr. Luiz Leite Junior, Dr. Clovis Soares de Camargo e Dr. Marcello Piza.

SECÇÃO DE COMMERCIO: — Dr. Jorge D. Villares, Dr. Alberto Cintra, Dr. Antonio Carlos de Assumpção, Dr. Vicente de Almeida Prado Netto e Dr. Francisco Ferreira Ramos.

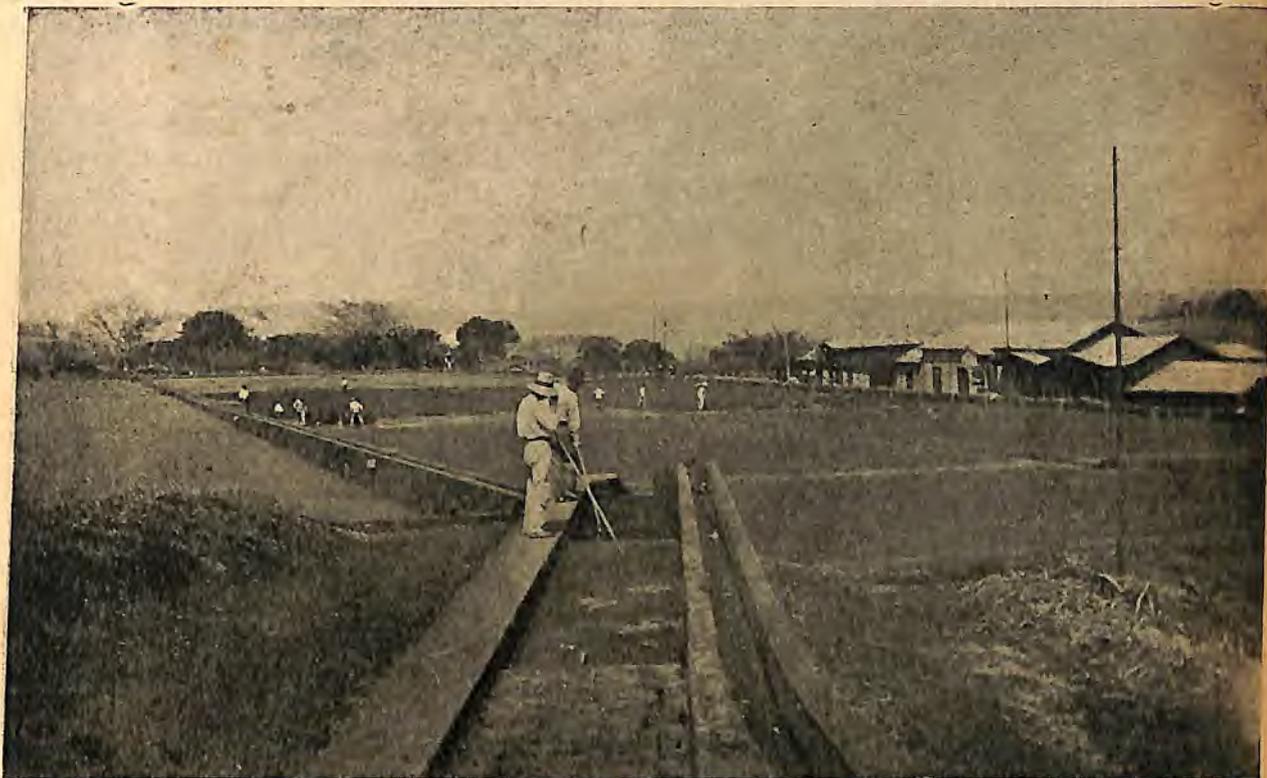
SECÇÃO DE HYGIENE RURAL: — Dr. Mario Ayrosa, Dr. Mario Maldonado e Dr. Mario Pernambuco.

SECÇÃO DE CREDITO AGRICOLA: — Dr. Altino Arantes e Dr. Erasmo Assumpção.

COMMISSÕES

Agricultura: Cel. Socrates Alvim, Drs. Thomaz Coelho Filho, Gregorio Bondar, Bemvindo Novaes, Mello Moraes, Theodureto Camargo, Carlos Mendes, José Vizioli, Bernardo Lourenço, Lourenço Granato.

Credito agricola: Drs. Altino Arantes, José Maria Whitaker, Fonseca Cotching, Antonio



Lavagem do café

ELEIÇÃO DA MESA E DAS COMMISSÕES DO CONGRESSO

Na primeira reunião do Congresso do Café, realizada às 20 horas do dia 13 de Outubro, no salão nobre da Associação Commercial, á rua José Bonifacio, 12, por proposta do Dr. Carvalho Barbosa, foram aclamadas a mesa e as comissões do Congresso do Café, assim constituídas:

MESA

Presidente: Dr. Fernando Costa; **vice-presidentes:** Drs. Ribeiro Junqueira, Joaquim Mello, Aristeu Aguiar e Gratulino Mello; **Secretários:** Drs. Paulo de Lima Correia e José Eurico Dias Martins.

Queiroz Telles, Bocayuva Cunha, Aarão Reis, José Rubião, Erasmo de Assumpção, Heraldo Pacheco e Silva.

Commercio: Drs. Ferreira Ramos, Antonio Carlos de Assumpção, Frederico Junqueira, Alberto Cintra, Waldomiro de Magalhães, Moacyr Avidos, Silva Araujo, Coronel Valencio de Castro.

Colonização: Drs. Fabio Guimarães, Marcello Piza, Theophilo Ribeiro, Francisco Figueiredo, Papaterra Limongi, Rangel Moreira, Plinio Caiado, Clovis Soares de Camargo, Coronel Carlos Leoncio de Magalhães.

Hygiene rural: Drs. Amaral Carvalho, Figueira de Mello, Paula e Silva, Arthur Neiva, Eugenio de Rezende, Jayme Pereira, Jean Michel.

THESES

As theses, apresentadas ao Congresso do Café, foram as seguintes:

SECÇÃO DE AGRICULTURA

1.º — *Genetica do cafeeiro*. Selecção racional (por linhas puras) e empyrica. Escolha de cafeeiros porta sementes. Meios de serem aproveitadas as innumeradas variações (mutações e variações) que, por certo, surgiram no Estado de São Paulo, em consequencia da cultu-

pographia, exposição e propriedades physicas dos sólos.

7.º — *Processos aconselháveis para impedir a erosão superficial*. Orientação das ruas e dos carregadores. Distancia entre as arvores.

8.º — *Semeadura do cafeeiro*. Colheita e preparo das sementes destinadas aos viveiros e criação de mudas em recipientes. Custo das mudas até a occasião do plantio definitivo.

9.º — *Transplantação do cafeeiro*. Epocas mais adequadas. Primeiros cuidados que lhe devem ser prodigalisados.



Transporte do café, pela agua, na calha, para o terreiro

ra em commum de milhões de cafeeiros, e que se conservam até agora ignoradas talvez, com enorme prejuizo de nossa agricultura.

2.º — *A enxertia como meio de conservação do cafeeiro* applicada em nossas condições climatericas.

3.º — *Poda do cafeeiro*.

4.º — *Influencia dos factores climaticos sobre o cafeeiro*: temperatura, illuminação, humidade, ventos, etc.

5.º — *Estudo estatistico* referente á correlação existente entre factores climaticos e as futuras safras. Previsão das safras.

6.º — *Escolha e preparo dos terrenos* destinados aos futuros cafezaes. Influencia da to-

10.º — *Tratos culturaes*. Vantagens e inconvenientes dos diversos methodos em uso no Estado de São Paulo.

11.º — *Culturas intercalares*. Vantagens e inconvenientes dessas culturas.

12.º — *Adubação verde*. Estudo comparativo das plantas mais cultivadas para adubação verde, sob o ponto de vista de sua transpiração, seu systema radicular e de sua acção directa sobre o cafeeiro.

13.º — *Adubo de cocheira*. Diversos systemas empregados em seu preparo. Custo de producção. Outros adubos organicos: tortas, composto, terriço, etc.

14.º — *Adubos mineraes*. Vantagens e inconvenientes de suas applicações. Necessidade das adubações mixtas.

15.º — *Colheita do café*. Processo natural. Custo. Qualidade do producto.

16.º — *Machinas e aparelhos* destinados a serem utilizados na colheita e ajuntamento do café. Suas vantagens e inconvenientes.

17.º — *Preparo do café nos terreiros*. Processo secco e humido. Machinas seccadoras. Gasto de combustivel. Qualidade do producto e custo de producção.

18.º — *Machinas destinadas ao beneficiamento do café*. Qualidade do producto e custo de producção.

19.º — *Protecção dos cafeeiros contra os ventos*. Haverá vantagens de proteger os cafeeiros contra a insolação? Neste caso, quaes as arvores de sombra aconselháveis e que distancia ellas devem guardar entre si.

20.º — *A palha de café*. Sua applicação como materia prima na fabricação do alcool.

21.º — *Irrigações dos cafezaes*. Suas possibilidades e vantagens.

22.º — *Do estudo da Entomologia, economica, da Phytopathologia e das medidas de Defesa Sanitaria Vegetal*.

23.º — *Dos serviços de combate ás pragas vegetaes* organizados no Paiz. Legislação a respeito.

SECÇÃO DE CREDITO AGRICOLA

1.º — *Do credito agricola*. Seu conceito especifico. Sua differenciação do *credito immobiliario*.

2.º — *Garantias usuaes nas operações de credito agricola*:

a) *Do penhor agricola*. Razões praticas de sua precariedade como garantia.

b) *Dos warrants de mercadorias*. Garantia amplamente satisfactoria, mas de caracter mais commercial que agricola.

c) *Dos conhecimentos ferroviarios*. Frequencia e importancia das operações de credito sob caução de conhecimentos. E' satisfactoria essa garantia em face do conceito juridico do conhecimento?

3.º — *Credito agricola pessoal e movel*.

4.º — *Relação e connexidade do credito agricola com o credito immobiliario ou territorial*. Banco Hypothecario e Agricola.

5.º — *Credito agricola e ensino profissional*.

6.º — *Banco emissor e credito agricola*. Dos redescontos e seus effeitos em relação ao credito agricola.

7.º — *Organização do credito agricola em outros paizes*. Das Cooperativas de Credito Agricola. Importancia de sua contribuição na solução do problema do credito agricola. Beneficios resultantes de sua extrema diffusão por todos os recantos agricolas deste paiz. Das Caixas Ruraes. Caixas Ruraes, typo "RAIF-FEISEN".

8.º — *Regimen do credito agricola que mais convém ao Brasil e especialmente a São Paulo*.

Do papel do commercio commissario de Santos na formação e evolução do Credito Agricola em São Paulo.

Tentativas de implantação, entre nós, das Sociedades Cooperativas de credito agricola. Dos Bancos de custeio rural.

Auxilios e favores legais concedidos ás sociedades cooperativas de credito agricola e especialmente ás Caixas Ruraes, typo "RAIF-FEISEN".

Leis Federaes:

N. 1.637 de 5 de Janeiro de 1907.

N. 3.446 de 31 de Dezembro de 1917.

N. 4.555 de 10 de Agosto de 1922.

N. 4.440 de 31 de Dezembro de 1921.

9.º — *Carteira de Credito Agricola* creada no Banco do Brasil, com a dotação de 400 mil contos de réis, para as respectivas operações. (Lei n. 4.567, de 24 de Agosto de 1922). Modalidades interessantes desse aparelho.

Da conveniencia de reorganizar esta carteira e de fomentar a creação de carteiras de credito agricola nas agencias de outros Bancos disseminadas pelo interior.

10.º — *Credito Agricola e Estabilização Monetaria no Brasil*.

11.º — *Do Credito Agricola e do Instituto de Café*.

SECÇÃO DE COMMERCIO

1.ª — *Commercio de café*. Seu efficaaz desenvolvimento e moderna organização: *Bolsas de café; Caixas de Liquidação e Armazens Geraes*.

2.ª — *Commercio Commissario de café*. Sua organização: antigo aspecto e actual transformação. Sua acção fecunda na vida do café entre nós.

3.ª — *Commercio de exportação*. Condições para seu desenvolvimento. Amplitude das operações dependente de uma determinada e util provisão do stock.

4.ª — *Politica commercial das nações. Defesa racional do café sob seu triplice aspecto*:

1) regularização criteriosa das entradas nos portos de exportação; 2) financiamento dos produtores; 3) propaganda adequada e, sobretudo, pratica do producto.

5.^a — *A defesa racional do café*, como de qualquer outro producto, para ser proficua e não ephemera, deve attender aos differentes e reaes interesses em jogo, aproveitando, e não perturbando, a organização commercial do producto.

6.^a — *Convenio entre os Estados productores de café* no sentido da indispensavel acção conjuncta. Accordos commerciaes entre esses Estados e os paizes consumidores baseados em leaes entendimentos.

7.^a — *Organizações syndicatarias.*

8.^a — *Armazenamentos e acondicionamentos do café.*

9.^a — *Cambio e sua estabilização.* Moeda estavel como unica expressão dos valores e segurança das operações commerciaes. Sua influencia sobre a vida economica do paiz.

10.^a — *Transportes do café*, quer terrestres quer maritimos. Fretes. Seguros. Outros encargos e taxas.

11.^a — *Estatistica do café.* Sua meticulosa e conscienciosa confecção. Previsões dos phenomenos economicos na vida do commercio e na defesa racional do producto.

12.^a — *Clareza e precisão das fórmulas dos contractos commerciaes.* Bôa-fé e lealdade na execução dos mesmos. *Côrte de arbitragem:* sua necessidade e vantagens.

13.^a — *Marcas e typos de café.* Melhoria do producto de origem brasileira.

SECÇÃO DE COLONIZAÇÃO

1.^o — *A immigração italiana e a iberica.*
2.^o — *O immigrante do centro e norte da Europa.*

3.^o — *A immigração japoneza.*
4.^o — *A immigração de outras procedencias asiaticas:* India, Korea e China.

5.^o — *A immigração espontanea e os meios de incremental-a. Propaganda e convenios.*

6.^o — *Formas de introdução de immigrantes:* por autorização annual, por meio de chamadas, por meio de subvenção a Companhias de Navegação e por iniciativa privada.

7.^o — *Distribuição proporcional da entrada de immigrantes,* de accordo com as necessidades das diversas phases da actividade agricola.

8.^o — *Fiscalização do angariamento e do embarque no estrangeiro.* Meios de evitar as contravenções ás disposições leaes.

9.^o — *A colonização* como estimulo da immigração e fixação futura do immigrante.

10.^o — *Condições que deve preencher uma familia de immigrantes* para como colonos conseguir o desejado exito na lavoura de café.

11.^o — *Qual o meio de conseguir a lavoura cafeeira* trabalhadores para a colheita?

12.^o — *O trabalhador nacional na lavoura de café* e como operario agricola em geral.

13.^o — *Resultado obtido em São Paulo* com immigrantes de differentes procedencias.

14.^o — *Utilidade da identificação do immigrante* por occasião de sua chegada.

15.^o — *As lacunas da legislação immigratoria do estado* e a sua correcção.

16.^o — *Qual a melhor forma de contracto* para colonos, colhedores, camaradas, empreiteiros e demais trabalhadores agricolas?

17.^o — *Exigencias de hygiene e de conforto* que devem preencher as habitações dos colonos nas fazendas.

18.^o — *A protecção juridico-social do immigrante* e do operario agricola.

19.^o — *A assistencia medica e pharmaceutica* dos colonos.

20.^o — *A instrucção primaria nas fazendas.*

21.^o — *Como evitar o alliciamento?*

22.^o — *Como evitar as repatriações?* A fiscalização das agencias de venda de passagens maritimas.

O melhor **DEPURATIVO, TONICO ANTI-SYPHILITICO ANTI-RHEUMATICO** é o **ELIXIR BI-IODADO lithinado** Pharmaceutico **C. da Silva Araujo**

Deve-se exigir o nome dos fabricantes:

Carlos da Silva Araujo & C. e a marca registrada



Sociedade Dinamarqueza Ltda.

(SUCCESSORA DE THORVALD JENSEN & CIA.)

Especialistas em machinas frigorificas SABROE e machinas dinamarqueza para lacticinios

A maioria das Usinas para exportação de leite no Brasil possui machinas frigorificas SABROE



MARCA REGISTRADA

Sempre stock completo de todas as machinas para a industria de lacticinios.

Em montagem : Entrepoto dos Vaqueiros de São Paulo com a capacidade de 50.000 litros de leite por dai.

Rua General Camara, 102

RIO DE JANEIRO

Caixa Postal, 1.283

A LAVOURA

Revista Mensal da Sociedade Nacional de Agricultura

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TABELLA DE PREÇOS PARA INSERÇÃO DE ANUNCIOS

No texto	(1 pagina	180\$000)	Por vez
	(1/2 pagina	100\$000)	
	(1/4 pagina	50\$000)	
Fóra do texto	(1 pagina	150\$000)	Por vez
	(1/2 pagina	80\$000)	
	(1/4 pagina	40\$000)	
Na capa	(2	200\$000)	Por vez
	(3	200\$000)	
	(4	250\$000)	
Rodapés no texto	(c/0m,03 de altura	30\$000)	
Redução para contractos mediante autorização authenticada	(3 vezes	5 %)	Por vez
	(6 vezes	10 %)	
	(12 vezes	20 %)	

Publicações na parte editorial; anuncios especiaes, em côr, contracto prévio.

HORTULANIA

(CASA FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1885)

Rua do Ouvidor, 77 — Chacara : Rua Senador Nabuco, 38

TEL. NORTE 1352 — RIO DE JANEIRO

C. A. Carneiro Leão

SEMENTES NOVAS de hortaliças, flores e Agricultura— PLANTAS DE ORNAMENTO, Fructeiras, roseiras, etc.; objectos para todos os misteres de jardinagem. — GAIO-

LAS, ferramentas, vasos, mel, etc — OBJECTOS DE APICULTURA.

PULVERIZADORES para sulfato de cobre, acidos, petroleo, etc.

BOMBAS para irrigar e pulverizar.

Exportadores! Industriaes! Agricultores!!

O Brasil é o paiz que produz a melhor borracha, o melhor café, o melhor cacau, algodão, gado, manganez, madeiras e muitos outros artigos; é preciso, porém, tornar conhecidas no estrangeiro essas incalculaveis riquezas e essas admiraveis possibilidades.

A Allemanha, paiz industrial por excellencia, anseia por conhecel-as!

A' DEUTSCH BRASILIANISCHE ILLUSTRIERTE — (Ilustração Teuto Brasileira) facil será essa tarefa: — editada em Hamburgo e lida, com interesse, em toda Allemanha e outros paizes da Europa, como no Brasil, é o meio de propaganda mais conveniente e mais intenso, ao serviço dos exportadores, industriaes e agricultores brasileiros. Anunciar na Deutsch Brasilianische Illustrierte é cuidar do proprio interesse e auxiliar, patrioticamente, o desenvolvimento da nossa producção.

PETRA DE BARROS, representante exclusivo para o Brasil, Rua Borja Castro, 11—Praça 15 de de Novembro—Rio de Janeiro

UM GRANDE REMEDIO

IMPEDE AS ENFERMIDADES
CARRAPATICIDA
DE
COOPER
MATA
TODOS OS
CARRAPATOS
NAO ESCALDA



HOPKINS CAUSER & HOPKINS

Rua Municipal, 22

Caixa do Correio 1054 — Rio de Janeiro

Rua Hermilo Alves

S. João d'El Rey—Estado de Minas

A introdução do cafeeiro no Brasil - Disseminação e evolução de sua cultura - Função do café na economia do Brasil e sua situação nos mercados mundiaes

O conhecimento do vegetal a que Linneu deu o nome de "coffea arabica" data de remotissimas épocas. Conhecida no oriente (dahi o nome da especie) desde tempos immemoriaes, é sabido que já em 875 se fazia uso della na Persia sob a fôrma de bebida. No seculo XVI o sultão Selim, de regresso da conquista do Egypto, trouxe para Constantinopla as sementes do cafeeiro. Foi Rauwof quem, no anno de 1583, se referiu á planta cabendo, entretanto, a Prospero Albino, descrevel-a, pela primeira vez, na sua "Plantae Egyptae".

Já em 1645 fundavam-se, na Italia, os primeiros estabelecimentos em que se vendia ao publico a nova bebida, tomando essas casas o seu nome ("cafés"). Em Paris o primeiro "café", data de 1672. Os venezianos e genovezes foram os primeiros que importaram, na Europa, o café em grãos, que vinha, principalmente, de Moka.

O Grande naturalista Jussieu descreveu, em 1713, com notavel rigor scientifico, o cafeeiro nas Memorias da Academia de Sciencias". Segundo o saudoso botanico paulista Joaquim Correia de Mello, o primeiro que tomou café, em França, foi Luiz XIV em 1644. Desde então o uso dessa bebida tornou-se generalizado apesar da opinião dos medicos da época que lhe attribuíam qualidades nocivas. A experiência de milhões de individuos, e estudos mais rigorosos, têm se encarregado de destruir os preconceitos medicos contra a deliciosa bebida.

A introdução do café no Brasil

Foi o paráense Francisco de Mello Palheta quem teve a fortuna de trazer para o nosso paiz a semente fecundissima do cafeeiro. Palheta

era natural de Vigia, no Pará, e filho do capitão de infantaria João Rodrigues Palheta, portuguez de Alemtejo. Fazendo parte, como soldado que era, da escolta que acompanhava o padre Samuel Fritz, da Companhia de Jesus, Francisco de Mello Palheta deixava a cidade do Belém do Pará, no dia 8 de Julho de 1691, com destino á cidade de uito.

Embora não lhe coubesse nessa viagem a gloria de ter trazido as primeiras sementes em condições de nascer, não ha duvida que lhe pertence a primazia dos esforços nesse sentido segundo se depreheende deste trecho de uma sua carta ao rei em 1733: "*vendo o suppte. que governo da Guayana deitava hum bando á sua chegada que ninguem desse caffè aos portuguezes capaz de nascer, se informou o supplt. do valor daquella droga, e vendo o que hera fez dellgas, por trazer algumas sementes*".

Em 1720, vindo de Amsterdam, era plantado o primeiro exemplar do cafeeiro em Surinam, na Guayana Hollandeza. Os francezes de Cayenna, tendo noticia dessa nova cultura, não tardaram em conseguir sementes do vegetal plantando, tambem, em seus dominios, o famoso arbusto.

O governo do Pará não poupou diligencias para conseguir sementes de cafeeiro, mas não só existia uma provisào real prohibindo qualquer commercio com os francezes de Cayenna como a interdicção de sahida das sementes imposta pelos francezes, tornava precaria qualquer tentativa nesse sentido. Foi nessa conjuntura que o capitão general João da Maya da Gama, que a esse tempo governava o Estado do Maranhão e Grã-Pará, em obediencia aos reclamos de sua propria autoridade, organizou uma expe-

SARCOL é pó de carne, é opotherapie muscular. Crianças debeis, anemicos, tuberculossos, desnutridos, dyspepticos, velhos, convalescentes, amas de leite, encontram no **SARCOL**, de Carlos da Silva Araujo & C., um alimento agradável e um medicamento eficiente.

SARCOL é um producto L. C. S. A. e traz a marca que o authentica.



dição destinada a coibir abusivas incursões de francezes no territorio brasileiro. Não importa tratar, neste passo, dos resultados politicos dessa expedição que foi commandada pelo mesmo Francisco de Mello Palheta em cujo valor e diligencia muito confiava o governador do Maranhão e Grão-Pará; o certo é que, de regresso de Cayenna, trouxe Palheta certa quantidade de sementes de café que distribuiu entre moradores de Belém, dando nascença, desse modo, ás primeiras plantações de café em terras do Brasil.

Em São Paulo, até os dois primeiros terços do seculo passado o café não era conhecido senão como medicamento, e de tal modo receitado aos enfermos e vendido nas boticas.

Alguns homens instruidos, entre os quaes o padre Manoel José, começaram a preconizar o seu uso como bebida saudavel e nutritiva, de delicioso sabor. O primeiro pé de café que existiu no município de Jundiaby plantou-o o sargento-mór Raymundo Alvares dos Santos Prado, que obteve as sementes com o seu amigo capitão general Antonio Manoel de Mello Castro Mendonça, governador da então capitania de S. Paulo.

Em 1817, vindo o capitão Francisco de Paula Camargo ao Rio de Janeiro, para assistir aos festejos do casamento do principe D. Pedro, viu aqui vender-se o café a 8% e 9% a arroba. Animado por esse vantajoso preço, e instado pelo conde dos Arcos, de quem era amigo, plantou, de regresso, em suas terras, um cafézal que se diz ainda hoje existir e que foi dos mais prosperos de seu tempo.

A situação actual da lavoura cafeeira

A situação actual da lavoura cafeeira no Brasil apresenta-se bafejada por uma incomparavel prosperidade. Os cafeeiros em produção, no Brasil, attingem á formidavel cifra de "dois bilhões, onze milhões, cento e trinta e seis mil, duzentos e setenta e um pés", cuja produção

total já se approxima de "vinte milhões de saccas"!

São Paulo é o grande centro productor do café em todo o mundo. Só esse grande Estado possui, dentro de suas fronteiras, "oitocentos e cincoenta milhões de cafeeiros". Em seguida vêm, pela ordem decrescente, Minas com trezentos e cincoenta e sete milhões, Rio de Janeiro com cento e doze milhões, Espirito Santo com noventa e cinco milhões, Pernambuco com cincoenta e cinco milhões, Bahia com cincoenta e quatro milhões, Ceará, vinte quatro milhões, Paraná, cerca de dezenove milhões, Parahyba, quatorze milhões, Goyaz, sete milhões, Santa Catharina, tres milhões, Alagôas, dois milhões, Sergipe, um milhão, Matto Grosso, 223.000 pés.

O numero de cafeeiros novos existentes nos diversos Estados productores é o seguinte: São Paulo, 312.603.000; Espirito Santo, 34.520.000; Rio de Janeiro, 33.743.000; Bahia, 17.206.000; Minas, 11.924.000; Goyaz, 4.824.000; Alagôas, 417.520; Matto Grosso, 223.400; Santa Catharina, 80.000; Sergipe, 33.825 pés. Nos Estados do Ceará, Parahyba e Pernambuco, é grande a plantação de novos pés, não nos tendo sido possível, entretanto, colher dados estatisticos recentes sobre esse movimento.

A área cultivada, pela ordem da sua extensão, é a seguinte: São Paulo, 1.462.671 hectares; Minas, 397.234; Rio de Janeiro, 243.580; Espirito Santo, 150.000; Bahia, 65.000; Pernambuco, 50.000; Paraná, 30.000; Ceará, 15.220; Goyaz, 10.595; Alagôas, 2.230; Santa Catharina, 2.200; Sergipe, 820, e Matto Grosso, 450 hectares.

E' a seguinte a produção em saccas de 60 kilos — A produção média annual em saccas, no total de 14.116.253 para os referidos Estados, foi calculada para São Paulo, em 8.333.333; Minas Geraes, 2.713.895; Espirito Santo, 1.083.333; Rio de Janeiro, 766.667; Bahia, 607.917; Pernambuco, 145.333; Paraná, 120.000; Goyaz, 112.642; Ceará, 100.000; Para-

JOSÉ PASTOR

GRAVADOR

Especialidade em clichés para theses medicas, trichromias, clichés para registro de marcas e patentes e clichés para trabalhos commerciaes.

RUA D. PEDRO 1º, 47-Loja
(Ant. Espirito Santo)

Phone Central 1201
RIO DE JANEIRO

hyba, 80.853; Santa Catharina, 35.000; Alagôas, 11.667; Sergipe, 4.500, e Matto Grosso, 1.133 saccas.

— A percentagem dos caféeiros produzindo assim se reparte na actualidade: São Paulo, ... 32,27 %; Minas, 22,40; Rio de Janeiro, 7,05; Espirito Santo, 5,95; Pernambuco, 3,45; Bahia, 3,37; Ceará, 1,53; Paraná, 1,18; Parahyba, 0,90; Goyaz, 0,46; Santa Catharina, 0,22; Alagôas, 0,13; Sergipe, 0,008, e Matto Grosso, 0,91.

— A percentagem da produção em saccas assignala-se abaixo: São Paulo, com 59,03 %; Minas, 19,28; Espirito Santo, 7,66; Rio de Janeiro, 5,43; Bahia, 4,30; Pernambuco, 1,02; Paraná, 0,85; Goyaz, 0,80; Ceará, 0,70; Parahyba, 0,56; Santa Catharina, 0,25; Alagôas, 0,08; Sergipe, 0,03, e Matto Grosso, 0,01. Em resumo, nos citados 14 Estados do Brasil ha, na actualidade, dois bilhões, onze milhões, cento e trinta e seis mil, duzentos e setenta e um caféeiros, sendo que ha um bilhão, quinhentos e setenta e nove mil, seiscentos e oitenta e um em produção regular e quatrocentos e quinze milhões, quinhentos e cincoenta e seis mil, quinhentos e noventa caféeiros novos. A totalidade da área occupada com a cultura caféeira é, no presente, de 2.438.000 hectares. A exportação de café nos ultimos 5 annos attingiu ás seguintes cifras:

Anno	Saccas
1921	12.368.612
1922	12.672.536
1923	14.465.582
1924	14.226.482
1925	13.481.955

Diminuiu em 1921, conforme se observa, a exportação do nosso café, isto de accôrdo com a produção verificada no anno anterior, sensivelmente diminuida conforme demonstram as seguintes cifras:

Anno	Saccas
1921	14.245.399
1922	14.079.483

1923	17.121.540
1924	14.568.922
1925	14.168.526

No anno agricola 1925-26, foi ainda menor a produção de café, estimada em 14.116.254 saccas que, certamente, veiu contribuir para suppôr a exportação referente ao anno de 1926.

Pôde afirmar-se, tomando por base a exportação de 1925, que 50 % do nosso café exportado se destina aos Estados Unidos, que, embora venham protegendo as lavouras caféieras da Columbia, de onde, nos ultimos cinco annos, têm importado em grande quantidade, continúa reservando para o Brasil a maior percentagem total das suas importações.

Em S. Paulo, a cultura do café começou a tomar grande impulso em 1870, coincidindo esse movimento com a penetração ferroviaria na zona noroeste, principalmente, em Ribeirão Preto, S. Carlos, Botucatu', S. Miguel e S. Manoel, tornados grandes centros productores nos nossos dias.

Até o anno de 1896, o desenvolvimento da cultura caféeira foi sempre ascensional, havendo, porém, nesse anno, uma baixa inesperada que repercutiu, com grande alarme, entre os productores. Esse facto determinou a suspensão temporaria de novos plantios, pois se acreditava a cultura em plena phase de super-produção. Em breve, porém, augmentado o consumo, o producto retomava a sua marcha victoriosa, e já em 1906-1907, os cafées paulistas accusavam uma safra avultadissima, que forçou o governo a regular as vendas do producto e a fazer a sua propaganda intensiva, no estrangeiro.

As mais progressivas e ricas fazendas de café são localizadas em Jahu', Ribeirão Preto e outras zonas onde predominam as terras, em geral, bastante profundas. São terrenos que, apesar de não serem totalmente seccos, se reseccam com as estiagens prolongadas. Poucos são os que plantam café em terrenos esgotados pela cultura rotineira, e isto devido ao elevado custo

☺ ☺ **Fabrica Polvilho** ☺ ☺

FABRICA n'este typo installada com machinarias modernas para fabricação de artigo de continuo consumo, completa, com 3 centrifugas—vende-se á rua da Alfandega 99 sobr.

dos adubos, quer chimicos, quer organicos. A regra geral tem sido aproveitar os terrenos cobertos por mattos, capoeirões, localizados nos espigões conhecidos como livres de geadas.

Outras terras, tambem estimadas no Estado, são as "massapes". Recentemente, muitas culturas se acham em fundação na nova zona da E. F. Noroeste, onde o sólo obedece a uma formação mais ou menos identica, pois todo o sub-sólo é mais ou menos argilloso e o sólo aravel sempre arenoso, variando a camada de 40 centimetros a dois metros.

Emfim, cultivam em S. Paulo o caféeiro em qualquer sólo, desde que apresente as condições essenciaes de ausencia de excesso de humidade e altura do terreno, livrando-o dos effeitos do frio. Encontram-se caféesas produzindo economicamente em solos de terra roxa, pura e misturada, argillosos, silicosos, misturados, massapês, barrentos, brancos, salmourão, catanduva, etc.

Cultivam, no Estado, diversas variedades de caféeiros, sendo as de especie "coffea arabica" as preferidas.

Nas culturas existentes, encontram-se planções, em maior ou menor escala, do "nacional ou commum", do "bourbon", do "Gustavo d'Utra", do "amarello", do "Maragogipe", do "roxo", Java, Murta, Sumatra", etc. A titulo de curiosidade ou para estudos experimentaes, en-

contram-se nos estabelecimentos officiaes do Estado, o "Congensio", o "Robusta", o "Liberia", o "Stenophylla, Bengalensis", etc.

O "bourbon" produz mais que o "commum", Os seus pés são menores; assim, tambem os galhos e os grãos: vegetam melhor em terras mais pobres, são menos resistentes e de maior longevidade. Sentem mais a acção das seccas e dos ventos.

O "café" antigo, ou "commum", tem a vantagem de produzir com maior equilibrio, tem maior longevidade, o que faz com que elle produza a mesma quantidade que o "bourbon", em uma vida mais longa. Os grãos do café "amarello" encerram maior percentagem de cafeina.

As variedades que mais preferem os cultivadores do Estado são a "nacional" e "amarello" pelo seu aroma especial, pela sua grande producção e, especialmente, pela cultura, porte das arvores, bello typo dos grãos e por outras muitas razões economicas.

Os interessantes dados acima, quanto á introducção do caféeiro em nosso paiz, e ao desenvolvimento que teve entre nós a sua cultura, tomámol-os, "data venia" em sua mór parte, ao quotidiano. "O Paiz", cujo interesse pelos assumptos economicos é uma das melhores tradições do jornalismo carioca, e muito contribue para a autoridade que desfructa aquelle orgão.



A GRIPPE, os RESFRIADOS, as TRACHEITES, as BRONCHITES, os PIGARROS, são curados com a **VACCINA DA GRIPPE curativa** L. C. S. A. e prevenidos com a **VACCINA DA GRIPPE preventiva** L. C. S. A.

Essa medicação produz excellentes effeitos e não impede que se lance mão de outros trat. indica

As iniciaes L. C. S. A. são uma garantia de efficacia e a marca eg a a procedencia de **CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.**



GRANDE
DESCOBERTA !

Liquido, não precisa

Água, Fogo, Machina, Escavação

Garantimos, pelo modo que for pedido, que o nosso producto

Extermina a Saúva

Peçam a revista "A Saúva"

que é remettida gratuitamente

Sociedade Sauvicida Agapeama Limitada

Rua da Candelária, 69 - 1º and.

— RIO DE JANEIRO —

Edições de luxo,
Revistas illustradas,
Trabalhos commerciaes
e todo e qualquer
serviço graphico

==== A =====

Papelaria e Typographia O Social

SOCIEDADE ANONYMA

EXECUTA COM
PERFEIÇÃO E
PREÇOS RASOAVEIS

Rua do Lavradio, 60

Tel. C. 3359

==== RIO =====



Sociedade Nacional de Agricultura

Art. 15 — São direitos do socio quite:

- a) — votar e ser votado;
- b) — tomar parte nas assembléas e nellas apresentar, por escripto, qualquer proposta ou indicação, condizentes com os fins da Sociedade, discutir e ter voto;
- c) — assistir ás reuniões communs da Directoria, nas quaes poderá fazer qualquer proposta ou comunicação, podendo, outrosim, tomar parte em discussões, se se tratar de materia relevante ou se estiver em condições de prestar informações interessantes, a juizo da mesa;
- d) — fazer conferencias de interesse da producção na sala de sessões da Sociedade;
- e) — beneficiar-se dos serviços que a Sociedade estiver habilitada a prestar e, nas condições em que esta o puder, inclusive quanto á organização de projectos, plantas e orçamentos de installações agricolas e quanto a fornecimentos de sementes, plantas formicidas, insecticidas, machinas e instrumentos agrarios, drogas, etc.
- f) — fazer consultas e pedir informações de ordem agricola, commercial e industrial e, em geral, technicas, acerca de assumptos concernentes a producção;
- g) — solicitar da Sociedade a defesa, junto aos poderes publicos, de questões de character geral, embora de interesse local, uma vez que beneficiem os productores de qualquer zona do paiz;
- h) — pedir o encaminhamento, junto ás repartições officiaes, de processos referentes a registro de marcas, de animaes, de

fazendas, pedidos relativos ao fomento agricolas, etc.;

i) — receber as publicações da Sociedade, editadas para esse fim;

j) — pleitear, por intermedio da Sociedade, favores que sejam legitimamente conferidos aos productores ou aos socios desta, inclusive quanto a fretes, transportes e preços de custo;

k) — frequentar a Bibliotheca, — utilizando-se, ahí, dos livros, jornaes e revistas — e o museu agricola da Sociedade;

l) — fazer publicar, a juiza da Directoria, em “A LAVOURA”, artigos e notas, assignadas ou não e de interesse da producção nacional ou regional;

m) — pedir demissão do quadro social, uma vez quitado com a Thesouraria;

n) — gosar, em geral, das vantagens que lhe são concedidas por estes estatutos e regulamentos da Sociedade.

§ 1º — O direito de voto caberá aos socios benemeritos e remidos, bem como aos filiados e effectivos quites, considerando-se taes os que estiverem em dia com a Thesouraria ou deverem, apenas, a annuidade corrente;

§ 2º — São inelegiveis, para os cargos da administração, os socios honorarios, filiados, correspondentes e os effectivos que forem collectivos;

§ 3º — Os filiados e as corporações officiaes, por seu character de collectividade, receberão da Sociedade o maior numero de publicações de que ella puder dispor; os socios effectivos collectivos receberão em duplicata, pelo menos.

Sociedade Nacional de Agricultura

COMMISSÕES TÉCNICAS

1ª *Commissão*: — Geologia e Mineralogia agrícolas. Agrolgia, Carvão, Petróleo, Combustíveis minerais e derivados — Adubos minerais naturais — Máquinas applicaveis á extração e beneficiamento desses productos. — *Membros*: — Ernesto da Fonseca Costa, João Fulgencio de Lima Mindello, Thomas Coelho Filho, William Wilson Coelho de Souza.

2ª *Commissão*: — Meteorologia e Climatologia agrícolas. — *Membros*: — Francisco de Souza, Joaquim Sampaio Ferraz, Raul Pires Xavier.

3ª *Commissão*: — Drenagem e Irrigação — Poços tubulares, Açudes e Forças hydraulicas — Lavoura das regiões secas. — *Membros*: — André Gustavo Paulo de Frontin, Geminiano Gomes Guimarães, Otavio Barbosa Carneiro, Raul Pires Xavier, Thomas Cavalcanti de Gusmão.

4ª *Commissão*: — Máquinas agrícolas. Motocultura — Electricidade applicada á agricultura — Concursos de máquinas agrícolas. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Carlos Duarte, Eurico Dias Martins, Geminiano Gomes Guimarães.

5ª *Commissão*: — Máquinas agrícolas Motocultura — tal. Fabricação e consumo. — *Membros*: — Albano Issler, Franklin de Almeida e Mario Saraiva.

6ª *Commissão*: — Sementes — Introdução e acolição de plantas. Concursos de sementes — Genética vegetal. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Arsene Putemans, Americo de Miranda Ludolph e Thomaz Coelho Filho.

7ª *Commissão*: — Leguminosas, Cereaes, Raizes e tuberculos alimentares. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Carlos Duarte, Luiz de Oliveira Mendes, Plinio Cavalcanti.

8ª *Commissão*: — Plantas industriaes, Assucar, fumo, cacau, borracha, matte. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, A. C. de Arruda Beltrão, Bento de Miranda, Filogonio Peixoto e Otavio Carneiro.

9ª *Commissão*: — Plantas textis. Algodão, linho e fibras em geral — Cellulose. Fabrico do papel. — *Membros*: — Alcides Franco, Francisco Alves Costa, Luiz F. Sampaio Vianna, Paulo de Moraes Barros.

10ª *Commissão*: — Café. — *Membros*: — Augusto Ramos, Antonio Garcia Paula, João Baptista de Castro.

11ª *Commissão*: — Plantas oleaginosas. Oleos, gorduras, ceras, resinas e derivados. — *Membros*: — Alcides Franco, Alfredo de Andrade, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, Trajano de Medeiros.

12ª *Commissão*: — Fructicultura e Horticultura, Conservação e embalagem de seus productos. — *Membros*: — João Vieira de Oliveira, Horacio Barreto, Humberto Bruno, Roberto Moutinho dos Reis e Sylvio Ferreira Rangel.

13ª *Commissão*: — Sylvicultura. Florestação e reborização. Exploração das madeiras. Essências para arborização. — *Membros*: — Antonio Pacneco Leão, Francisco de Assis Iglesias, Luiz de Oliveira Mendes, Octavio Silveira de Mello.

14ª *Commissão*: — Defesa sanitaria vegetal — Pathologia vegetal. Entomologia agricola — Combate á formiga. — *Membros*: — Angelo Moreira da Costa Lima, Annibal Revault de Figueiredo, Antonio Magarinos Torres, Eugenio Rangel.

15ª *Commissão*: — Avicultura — Apicultura — Sericultura — Piscicultura. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Feliciano de Moraes, Henrique Silva, João Marcellino, Julio Cesar Lutterbach e Marcos Inglez de Souza.

16ª *Commissão*: — Zootecnia geral e especial. Alimentação dos animaes domesticos — Genetica animal. — *Membros*: — J. F. de Assis Brasil, João Leopoldo Moreira da Rocha, Landulpho Alves, Mario Telles da Silva, e Victor Leivas.

17ª *Commissão*: — Animaes para sella e tracção. Remonta. — *Membros*: — General J. de Assis Brasil, Geraldo Rocha, Gustavo Dutra, Marsillac Motta.

18ª *Commissão*: — Carnes e dericados. Industrias connexas. — *Membros*: — Franklin de Almeida, Geraldo Rocha, Joaquim Luiz Osorio.

19ª *Commissão*: — Leite e derivados, Industrias connexas. — *Membros*: — Aleixo de Vasconcelos, José Monteiro Ribeiro Junqueira, Jorge de Sá Earp, Raul Leite.

20ª *Commissão*: — Defesa sanitaria animal — Medicina Veterinaria. — *Membros*: — Alvaro Osorio de Almeida, Americo de Souza Braga, Moacyr Alves de Souza, Paulo Parreiras Horta.

21ª *Commissão*: — Vias de comunicação — Transportes. Taxas e tarifas. Defesa economica da produção. Assumptos geraes ligados á agricultura. — *Membros*: — Bento de Miranda, Gustavo Lebon Regis, Othon Leonardos, Otavio Barbosa Carneiro.

22ª *Commissão*: — Colonização e Inmigração. — *Membros*: — Paschoal Villaboim, Paulo de Moraes Barros, Nestor Ascoli, Rogaciano Pires Teixeira.

23ª *Commissão*: — Legislação rural, Codigo rural, Cooperativas, sindicatos e associações. Trabalho agricola. — *Membros*: — Chrysanto de Brito, Euzebio de Queiroz Lima, Graccho Cardoso, Leopoldo Teixeira Leite.

24ª *Commissão*: — Estatistica e contabilidade agrícolas. Credito agricola. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, Carlos Raulino, José Luiz Sayão de Bulhões Carvalho, Léo de Affonseca.

25ª *Commissão*: — Ensino agronomico e tecnico-profissional. Experimentação agronomica. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Antonio Augusto de Azevedo Sodré, Fidelis Reis, Ildelfonso Simões Lopes, Thomaz Coelho Filho.

26ª *Commissão*: — Congresso. Exposições. Feiras. Museus. Propaganda. — *Membros*: — Benedicto Raymundo da Silva, Hannibal Porto, Lauro Sodré, Waldemar Pinná.

27ª *Commissão*: — Hygiene rural — Construcções ruraes. — *Membros*: — Augusto Bernacchi, Francisco Dias Martins, Julio E. da Silva Araujo, Thomaz Cavalcanti de Gusmão.

28ª *Commissão*: — Conferencias e comunicações scientificas. — *Membros*: — Heitor Beltrão, João Fulgencio de Lima Mindello, Thomaz Coelho Filho.

ATELIER TARQUINO

FORMICIDA

INDEPENDENCIA

RECTIFICADA.

EMPREGADO COM RESULTADO

GARANTIDO NA EXTINÇÃO DAS FORMIGAS

SAÚVA.

EMPREGADO COM
GRANDE SUCESSO
CONTRA A

BROCA DO CAFÉ

E

EXPURGO DOS CEREALLES.

FABRICANTES

ALVES MAGALHÃES & CIA

RUA DE EDRO, 91. - SOB. - RIO DE JANEIRO.



Doenças

do

Coração

Comer Muito !

Beber Demais !

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais ou bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Fígado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em meio Copo de Agua!

Quem soffre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, do Fígado e a terrível Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**!

* * *

Estomago Sujo !

Um Perigo !

A's vezes, sem saber porque, nós nós sentimos de repente muito incommodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dôres e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, enfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar !

Sempre que estas Perturbações apparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar **Ventre-Livre** meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que

appareça qualquer Complicação Perigosa e Molestia Interna ou Externa !

* * *

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Appetite, Gosto Amargo na Bocca, Vomitos Causados pela indigestão, Arroto, Gazes, Dôres, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dôres, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dôres, Colicas no Fígado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre !

* * *

Muita Attenção :

Ventre-Livre Não é Purgante !

Os Medicos sabem que os **Purgantes**, principalmente as **Aguas Purgativas**, os **Saes Purgativos**, os **Pós Purgativos**, os **Xaropes Purgativos**, as **Capsulas Purgativas**, as **Tinturas**, **Pastilhas** e **Pilulas Purgativas**, são todos **violentos irritantes** e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflammando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Fígado !

Ventre-Livre é um **Vigorizador Especial** das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Fígado !

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes !

Use **Ventre-Livre**, que os resultados serão esplendidos e garantidos !

Tem Gosto Muito Bom !

Não Esqueça Nunca :

Ventre-Livre Não é Purgante !